



A SAGA DOS  
TRÊS MUNDOS

L. A. P. SANTOS

# OMNIA

LIVRO I



A SAGA DOS  
TRÊS MUNDOS

---

# OMNIA

L. A. P. Santos



L.A.P.Santos

A Saga dos Três Mundos

OMINIA

1º Edição

G4

Vitória, ES

2016

**SA237 Santos, Laps, 2016.**

**A Saga dos Três Mundos/Laps Santos. – Vitória-  
ES. G4, 2016.**

**120 p. ; 21cm.**

**ISBN 978-85-93255-00-7**

1. Ficção. 2. Ficção Fantasia.

A Saga dos Três Mundos - Ominia

CDD: B869.3

CDU: 08.82

# FICHA TÉCNICA

## **Elaboração**

G4 Soluções e Serviços

## **Organização**

Patrícia Helena Sciarretta

## **Supervisão de Arte**

Lívia Vidal

## **Revisão de Texto**

Cláudia Soares Barbosa

## **Projeto Gráfico e Capa**

Gian Felipe Duarte Reinoso

Ivan de Castro

## **Colaborador**

Denise C. Sciarretta Simões

Estevão Monjardim

Iago Farias

Jac Ribeiro

Katherinne Patrícia S. Oyarzún

Lucas Prates

Maria Roselita Farias Ferreira

Paulo André Andreati

Pedro Henrique

Rafael Bizerra

Yago Natali Mota

## Prefácio

Em 2014, eu comecei a escrever histórias que se passavam em um lugar onde a luz jamais existiu. Um mundo mergulhado na escuridão, onde a relação entre os seres é mais intensa e verdadeira, pois todas as espécies que vivem mergulhadas nesse universo de texturas, sons, sabores, odores e nenhuma luz, se desenvolveram sensorialmente para melhor perceber tudo a sua volta. Um tipo de comunicação baseada em vários níveis de interatividade.

Pensei em contar apenas os momentos posteriores ao surgimento de uma raça de seres altamente evoluídos que resolveram iniciar um antigo projeto de expansão pelo universo. Um projeto de extinção da escuridão em todos os mundos conhecidos.

No entanto eu resolvi ir além dessa perspectiva a posteriori, pois a maioria das

peessoas sente uma grande dificuldade de entender o conceito de luta pelo direito de existir. O mesmo desafio vivido pela espécie dominante no mundo de escuridão, que eu resolvi chamar de Únus.

Os Únus lutam para manter o seu *modus vivendi*, pois a escuridão é tudo que conhecem e ela os define, assim como são definidos por ela. Com a iminência de chegada da luz no seu universo, os Únus intensificaram suas viagens ao mundo dos homens tentando fazer aliados e buscar recursos tecnológicos que garantam sua existência coletiva e afaste de uma vez por todas o grande perigo que a luz representa para eles.

Agradeço a Chris, Kimberly e Edgar, que no começo desta aventura desejavam apenas voltar para casa e, no entanto se viram envolvidos em uma batalha pelo destino da espécie humana. Como não se sentir atraído pelos mistérios que envolvem o líder cambojano dos Mhuay Kongs,



Djai Ling, que desde suas primeiras experiências com os Únus, a bordo do navio negreiro Santíssima Trindade, de bandeira portuguesa em 1835, tem sacrificado tudo, até mesmo sua vida e a do seu povo por uma causa maior que todos eles.

Para cada ser que surgiu nessa batalha, humano ou não, só há uma saída, escolher uma causa, um lado e lutar pelo seu direito de também existir. No fim, se conseguir sobreviver, quem sabe, como os atores dessa empolgante aventura, você leitor, descobrirá que tudo no universo tem um propósito.

L.A.P.Santos

Sumário:

Capítulo Um — A Arte da Guerra

Capítulo Dois — O Filho da Escuridão

Capítulo Três — O Mundo Sem Luz

Capítulo Quatro — O Mundo dos Homens

Capítulo Cinco — As Colheitas

Capítulo Seis — Os Arautos da Noite

Capítulo sete — A Era da Luz

Capítulo Oito — In Princípio Omnia

Capítulo Nove — Os Iluminados

Capítulo Dez — Nos Domínios da Morte

## Capítulo Um

### A Arte da Guerra

**Tudo que se sabe é que no princípio só existia a escuridão. Durante milhões de anos ela reinou absoluta em todo universo, até que um dia a luz surgiu...ela é boa; foi dito.**

Na costa africana, do alto de uma formação rochosa, de onde se avistava o mar, uma menina observava curiosamente um grupo de falésias cujos tons, púrpura, se destacavam. Na linha do horizonte, algumas aves aquáticas atacavam despreocupadamente um cardume de peixes. O sol já estava quase se pondo e aquela noite de lua cheia prometia ser a mais linda do ano.

A pequena tentava espelhar em seu íntimo a paz do mundo à sua volta. Se ela fosse uma pessoa comum, certamente não teria percebido a

aproximação furtiva de um visitante, tão velho quanto ela.

Depois de muitos séculos vivendo entre os homens o desejo de voltar a unir-se aos da sua espécie, no seu mundo de escuridão, voltou a crescer dentro dela. Ela sabia que estava longe de conseguir alcançar seu objetivo, sobretudo agora que forças, muito superiores às suas, estavam se organizando para romper com todos aqueles milênios de silêncio e ameaçar a paz que ela tanto tinha lutado para construir.

O visitante caminhou até o ponto onde ela estava e puxou conversa.

— Como os humanos chamam você agora? Perguntou ele.

— Phoebe. Respondeu ela.

— Hum...nunca entendi por que você precisa de nomes, quando está entre eles. Como

ela o ignorava ele continuou. — Você está fazendo um jogo perigoso Phoebe. Armando os humanos contra nós. O que espera com isso? Sabe que está apenas retardando o inevitável, não sabe?

Phoebe respondeu, demonstrando indiferença com o comentário dele:

— Estou apenas equilibrando as coisas, dando a eles um pouco de controle sobre o seu próprio destino. Na verdade estou dando a eles e aos meus irmãos o controle sobre seu próprio destino e espero restabelecer as antigas ordens quando tudo isso acabar. Nós seremos uma coletividade outra vez.

O interlocutor, visivelmente contrariado falou em voz alta, quase gritando.

— Tola, você definitivamente não aprende, o destino de todos é e sempre será a luz! Entendeu? A Luz!

Phoebe vivia entre os humanos há mais de sete mil anos e ela ainda acreditava que os homens podem ser mais do que aparentam.

Rompendo o silêncio o visitante falou:

— Eles são um nada. Sem a luz vocês todos são um nada!

— Isso é o que você acha. Disse a pequenina com firmeza. — Eles provarão seu valor, só precisam de inspiração.

— Inspiração, era exatamente sobre isso que eu queria falar com você. Eu descobri onde o escolhido está. Eu vou matá-lo e provar que você sempre esteve errada.

— Bom, vou te dar um conselho, e de graça. Phoebe respirou e continuou. — Se você machucar o garoto não haverá nenhum lugar nesse ou em qualquer outro mundo, onde você possa estar a salvo.

— Meu povo vai ascender em breve e ninguém ousará tocar em qualquer um de nós ou nos desafiar.

Olhando para ele como quem olha para uma criança, deslumbrada com as maravilhas do mundo, Phoebe tenta encerrar a discussão.

— Boa sorte. Vocês vão precisar.

— Vocês também. Passarei por cima de todos que se colocarem no nosso caminho. Disse o visitante antes de partir.

Enquanto ele partia, ela contemplava o horizonte. Aquela visita inesperada era um aviso que Phoebe não podia ignorar. As peças começavam a se movimentar no tabuleiro e ela tinha que estar pronta para a próxima jogada.

## Capítulo Dois

### O Filho da Escuridão

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, quando o ônibus 226 da empresa Eldorado parou no segundo ponto da Cidade Alta, às três horas da manhã e um cego, conhecido pela vizinhança como o velho Edgar, entrou, das poucas pessoas que estavam presentes, no transporte, nenhuma delas podia imaginar que antes do final do dia ele enfrentaria um dos maiores dilemas humanos conhecidos; a certeza do fim de sua própria existência.

O velho Edgar, até o fim do dia, vai ter um encontro inesperado com uma criatura muito antiga, que vive em um mundo onde a luz não existe e que já caminha sobre a terra muito antes do alvorecer da humanidade.



Desde criança Edgar parecia compreender o que significava viver em um mundo sem luz, pois ele mesmo estava mergulhado nas trevas desde o seu nascimento.

Graças a sua cegueira, ainda na pré-escola, ele percebia o mundo a sua volta melhor e mais profundamente que qualquer pessoa que ele conheceria na vida, inclusive outros cegos. Ele conseguia com facilidade adentrar a mente e o coração das pessoas a sua volta.

Longe de perceber essa habilidade como um dom, Edgar a entendia como um fardo.

Desde criança se acostumou a ouvir, de uma forma pouco positiva, comentários sobre a escuridão na qual ele vivia mergulhado, muitas pessoas chegavam ao absurdo de afirmar que prefeririam morrer a viver sua realidade cega. Ele, no entanto, quando estava sozinho, ficava pensando na vida miserável e cativa que elas

levavam; coisas que a maioria das pessoas nem cogitariam pensar.

Fosse por conta da dificuldade de perceber além dos seus sentidos, fosse por uma questão religiosa; a verdade é que talvez a luz, essa sim, deveria representar a cegueira na vida dos homens muito mais que a escuridão.

Edgar entendia que diante da luz todas as formas se convergem em um nada disforme. Ele sabia que se fosse possível separar quatro pessoas desconhecidas e colocá-las em um espaço confinado e escuro, no final de um período de tempo elas se buscariam.

Em outra situação hipotética, parecida com a anterior, no entanto bem iluminada, os indivíduos se manteriam distantes uns dos outros, estariam desconfiados, arredios e prontos para se enfrentarem se fosse o caso.

No seu íntimo, Edgar considerara muitas vezes o quão cegos, a maioria dos homens é e, o quão cegos poderiam se tornar dadas as circunstâncias.

Em breve, ele estará diante de alguém que o compreendia melhor que qualquer um; uma forma de vida diferente, inteligente, inimaginável para aqueles que vivem na ditadura da luz, uma criatura que conhecia o mundo, quando ele ainda era outro mundo.

Uma hora antes do encontro dele com seu destino, o velho Edgar estava lá sentado no seu jornal, na estação tentando imaginar uma maneira de voltar pra casa.

Ele já tinha percebido que os ônibus não estavam circulando, a estação foi caindo aos poucos no silêncio, e todas as pessoas a sua volta tinham fugido apressadamente sem um motivo claro para ele.

A despeito das contas a pagar, que povoavam sua mente como marimbondos furiosos e da fome que já começava a sentir, ele sabia que não conseguiria mais nenhum centavo ficando ali, então ir embora era a coisa lógica a fazer, não fosse a curiosidade sobre a identidade de quem sussurrou seu nome, duas vezes naquela tarde.

Edgar pensou que estivesse ouvindo coisas, afinal o isolamento sempre foi um inimigo da razão e ele já tinha um histórico de loucura na família; a avó materna de sua mãe.

Diziam que a velha senhora quando morava com eles apresentara problemas mentais na época e falava por noites a fio com pessoas invisíveis. No seu íntimo esperava que não tivesse herdado a mesma enfermidade da tal avó, pois esta fugira de casa em uma noite e nunca mais foi vista.

Enquanto ele se perdia em seus pensamentos, perto dali, um homem caminhava. Absorto em suas próprias dores, confuso, com as pernas trôpegas e um cansaço bastante incomum. Faltando três dias para o seu aniversário, Jorge era um daqueles advogados orgulhosos de suas conquistas, a casa, o carro, as mulheres lindas e os ternos caros, por exemplo.

Ele costumava dizer a si mesmo que era merecedor do bom e do melhor. Quando saiu do escritório indo em direção à estação Central do Brasil, ele estava totalmente mergulhado em suas certezas, analisava os acontecimentos do dia anterior, desde a hora que levantou e percebeu que seu carro não estava mais estacionado na sua porta, roubado por certo. Nem mesmo uma garoa fina que caia no passeio de pedra, vindo do lado norte da cidade e molhava a perna de sua calça, tinha importância.

Jorge estava tão distraído que mal percebeu a ausência de pessoas nas ruas, visto que normalmente naquele horário elas ficavam abarrotadas de pessoas voltando para casa ou indo para o trabalho, pois o Rio de Janeiro é uma cidade que a exemplo de Nova York, não dorme.

A estação Central do Brasil, cujo nome verdadeiro é Estação Dom Pedro II, é uma construção de meados do século XIX e está localizada bem no coração do Rio de Janeiro. A estação guardava milhões de segredos, mistérios e centenas de milhares de almas passam por ali todos os dias, em um vai e vem interminável.

Jorge estava a poucas quadras do seu escritório e no caminho percorrido ele passou, sem perceber, por três ou quatro paradas de ônibus completamente vazias.

Quando chegou a estação, ele percebeu que algo estava errado, as lojas fechadas, papéis

dançavam pelo saguão principal levados pelo vento que entrava pela porta aberta, e para sua surpresa nem mesmo os seguranças estavam em seus postos.

Um terrível sentimento o assolou, um misto de medo e curiosidade, pois quando olhou a sua volta o cenário era de completo abandono e as notícias de terrorismo que viu na TV dias antes ainda estavam na sua mente como a ponta de um alfinete.

— Como pode ser isto? Perguntava-se. —  
Ontem à noite esta estação estava lotada, o que será que houve? Cadê todo mundo? Perguntou em voz alta.

Estava assustado, pois enquanto ficou trancado no escritório, algo de muito ruim deve ter acontecido no mundo, talvez aquelas doses extras de conhaque depois do jantar não tenha sido uma boa idéia.

Jorge lembrou subitamente do momento em que voltou ao escritório, depois de beber. Lembrou-se de ter sentado no sofá do escritório e conversado com sua namorada furiosa do outro lado da linha; deve ter apagado enquanto falava com ela ao telefone.

A despeito da confusão mental, ele não estava tão sozinho na estação como imaginava, outro personagem anônimo das histórias da cidade do Rio de Janeiro estava lá no seu velho posto na estação junto ao Poste 2A vermelho do terminal da linha 02.

Se aquele fosse realmente um dia comum, um cego como o velho Edgar, sentado na entrada do terminal da linha 02, teria poucas chances de ser notado, pois até mesmo Jorge, deve ter passado por ali nos tempos de faculdade uma centena de vezes e nunca notou aquela curiosa figura.



O cego, por sua vez, não fossem os últimos acontecimentos, jamais tomaria a liberdade de puxar assunto com alguém que caminhava de forma tão distinta e usava perfumes tão caros, como Jorge. O fato de ele ser cego causava as pessoas como Jorge, certa repulsa que tentavam esconder a todo custo.

Definitivamente, aquele não era um dia comum e Edgar resolveu puxar assunto com o advogado.

— Uma tempestade. Disse ele. — Ela está chegando! — Completou tentando parecer descontraído.

— Como assim uma tempestade? Perguntou o advogado com surpresa.

— Moço. Continuou Edgar. — alguma coisa muito ruim está acontecendo, não está vendo? Eu ouvi alguém dizer que a polícia esta

mandando todo mundo ficar em casa e aqui ó, todo mundo sumiu. Vupt, foram embora assim do nada.

— Hum tá, e o que você está fazendo ainda aqui? Cortou o advogado fazendo cara de entediado.

Edgar apontando para a parede disse.

— Primeiro que ninguém liga pra um ceguinho e depois eu percebi que eles hoje estão agitados e eu tô só prestando atenção...só por curiosidade.

— Eles quem? Perguntou Jorge com curiosidade. — Ali pra onde você apontou só tem uma parede.

— Como assim só uma parede? Não tem uma porta naquela parede não? Perguntou Edgar com surpresa.

— Não. Respondeu Jorge.

— Então por onde eles passam? Edgar perguntou a si mesmo, mas em voz alta.

— Estou olhando para a parede, pois quando eu disse que nela não tinha nada. Sussurrou Jorge — eu não fui muito específico — continuou — a sombra do letreiro próximo da janela é projetada justamente naquela parede e a sombra, que estranho....parece estar se mexendo.

— Moço. Falou Edgar em tom contrariado.  
— Eu num estou entendendo nada que o sinhô ta dizendo, eu sô cego esqueceu?

Para Jorge, a vida não passava de uma sequência de fenômenos que podiam ser mensurados e explicados à luz da razão, no entanto à sua frente algo novo se apresentava. Desde o término da faculdade e início da vida laboral, poucas coisas do mundo natural despertaram seu real interesse; até agora.

A sombra do poste, projetada na parede, parecia mais densa do que se espera de uma sombra, e isso era algo curioso para ele. Ela parecia formada por milhões de pequenos insetos que se moviam exprimidos na forma esguia do poste. Para Jorge, entender o que era aquilo se tornou irresistível.

Sentado sobre a folha de jornal, levemente umedecida pelo suor que descia de suas costas, Edgar tentava entender a cena que se desenrolava a sua frente e que lhe escapava à percepção, visto que o advogado Jorge usava conceitos que para uma pessoa cega não faziam o menor sentido.

A parede, tema da conversa com o advogado Jorge, o intrigava também, pois era por ali que “eles” entravam e saiam da estação há anos e agora ele também estava curioso em descobrir quem e como.

Estendendo a mão na direção da sombra projetada na parede, caminhando devagar, o advogado continuava ignorando o fato de que o velho Edgar era cego e não podia ajudá-lo caso algo acontecesse, pois os pelos da nuca arrepiados e o seu coração já o alertavam que algo estava para acontecer, o que não sabia era exatamente o que seria.

Quando chegou mais perto da sombra Jorge pôde sentir um perfume almiscarado que o fazia lembrar-se de uma Viagem que fez à Turquia quando se formou. O perfume que estava sentindo era intenso, vigoroso, e tão sedutor que nem percebeu que estava a menos de vinte centímetros da fonte.

Seus olhos moviam-se rapidamente nas órbitas em uma tentativa de capturar as minúsculas formas escuras que se moviam exprimidas na sombra.

Ao chegar perto pode avistar as minúsculas formas escuras indo em direção à parede. A surpresa soltou sua língua, enquanto suas pernas pareciam feitas de chumbo, pois ficaram paralisadas instantaneamente.

— O que é isso? Disse para si. — Parece que a sombra está... viva.

Ao ouvir a observação de Jorge, Edgar ficou curioso, virando-se na direção dele perguntou:

— O que foi que o senhor disse? — Moço, o que está vivo? O senhor está aí ainda?

Como não obteve resposta, Edgar resolveu descobrir o motivo do silêncio do advogado e foi se aproximando da sombra também.

Exatamente como fez o advogado Edgar estende a mão e toca suavemente à sombra do poste.

Para sua surpresa ele sente como se milhares de grãos de areia tocassem sua pele, em um fluxo frenético e constante na direção da parede.

Então, vocês são assim. Pensou. — Não correm ou se arrastam; vocês voam! Concluiu.

## Capítulo Três

### O Mundo Sem Luz

Por alguma razão que não conseguia explicar, Edgar foi tomado por uma onda de energia viva, podia sentir como se tivesse um sol dentro do peito, o aroma almiscarado ao seu redor superexcitava seus sentidos e fazia com que se sentisse mais vivo, vibrante.

Não estava mais na estação Central, sabia disso, e tinha a nítida impressão de que não era mais cego, embora não fizesse a menor idéia de onde estava e como chegou ali.

Embora assustado, tudo que percebia naquele momento era a forte e inexplicável conexão dele com aquele lugar.

Edgar agora podia sentir as alamedas a sua volta, os edifícios que tocavam o céu; sim



existiam edifícios lá...existia um céu e tudo era tátil a sua volta.

Tudo que estava a sua volta podia ser sentido, como se estivesse ligado a tudo e tudo ligado a ele. Os sons, os odores, tudo falava com ele e, ele involuntariamente respondia de volta.

Se a sensação que sentia podia ser comparada a algo no mundo dos que podem ver, ela seria análoga à sensação de um morcego ao receber de volta as ondas sonoras que emitia, carregadas de informações e imagens do mundo ao seu redor.

Não levou muito tempo para que Edgar percebesse que da imensidão daquele lugar emergiam também centenas de seres que não podia bem reconhecer, centenas não, eles eram milhares.

Suas vozes não podiam ser ouvidas, eram sentidas por ele em todas as fibras do seu corpo e na sua mente.

Elas, as vozes, se aproximaram dele, sussurraram seu nome, tocavam delicadamente sua pele e se mesclavam com o seu ser de uma maneira que nunca imaginou ser possível.

Como abelhas, aquelas criaturas ao tocar-lhe pareciam coletar algo em sua pele que ele não sabia precisar exatamente o que era, mas a cada toque podia sentir que algo saía dele e a criatura que o tocava se afastava extasiada, como se estivesse embriagada, porém de uma maneira diferente.

Edgar sabia que algumas daquelas criaturas queriam lhe fazer mal, pois quando lhe tocavam demoradamente ele ficava tonto, por duas vezes pensou que fosse desmaiar ao toque delas. Outras, no entanto, eram extremamente gentis e

pareciam estar apenas curiosas, ele entendeu claramente, que por algum motivo ele não era para estar ali.

— Sei o que está pensando, Edgar. Disse uma voz na escuridão.

— Quem é? Qual seu nome? Perguntou Edgar gaguejando.

— Aqui não precisamos de nomes porque os nomes são na verdade, um nada Edgar.

— Como você sabe meu nome? Não estou me sentindo bem. Ele resmungou. — Tenho a sensação de que você vai me matar. Você vai? Perguntou ele, com certa curiosidade.

— Por que pergunta isso? A voz retruca.

Tentando parecer tranquilo, Edgar continua.

— Eu quero viver. Entende? Eu sei que muita gente acha miserável a existência de um cego, mas isso não é verdade. Respirando nervosa e pesadamente.

— Interessante você dizer isso. Interessante mesmo, mas não tenha medo da morte, ela não existe. A voz fez uma pausa e continuou. — Há muito tempo nós também acreditávamos que a morte existia, aí descobrimos que a vida flui no universo como um rio incessantemente em todas as direções e a consciência, desenvolvida, se une a ela, em qualquer dimensão entre o tempo e o espaço.

Nós sabemos que ela é produzida em algum lugar no firmamento, entre as estrelas, e jorra sem parar em todas as direções.

— E o que isso tem a ver comigo?  
Pergunta Edgar, já curioso.

— Bem, quando esse fluxo — continuou a voz na escuridão — encontra algum tipo de matéria já organizada e em determinadas condições, a vida é atraída e a inunda, criando algo parecido com um código referencial único para cada ser vivo, animando a matéria anteriormente inerte. Dessa maneira aquela porção de vida vincula-se a uma única organização.

Quando por algum motivo aquele conjunto se desorganiza a matéria perde seu código referencial e a vida começa a retornar ao fluxo universal de onde viera; isso o seu povo chama de morte.

— Então é por isso que tudo morre? Você também morre? Perguntou Edgar.

— Bem, como eu lhe disse, a morte como você percebe é um conceito humano.

Caso consideremos isso, eu diria que nós não morremos, porque o princípio que rege a existência do meu povo é: Somos caçadores, nós caçamos vida.

Respondeu calmamente a voz e depois continuou.

— Não sei como te explicar isso...bem grosseiramente falando, nós roubamos o código referencial de outros organismos animados, atraindo a vida deles para nosso corpo. Nós não descobrimos ainda como aprisioná-la em definitivo, pois a impressão do código roubado em nós, não dura muito tempo e somos forçados a voltar uma vez mais a caçada.

— Nós? Quando você fala, nós, está falando do seu povo? Os corredores? Edgar respira. — Tudo bem, mas ainda não entendi o que isso tudo tem a ver comigo...

— Tem tudo a ver, afinal eu, nós precisamos da vida que está em você agora, neste momento. Explica a voz.

— Como eu imaginei... você, vocês vão me matar. Sussurra Edgar, percebendo de pronto como esse dia terminaria para ele.

— Estranho, você parece entender que este é o propósito de você estar aqui. — Você entende que você é especial? Pergunta a voz, agora curiosa.

Como um animal que se debate inutilmente em uma armadilha na floresta, Edgar por breves segundos refaz todos os passos, todas as escolhas que fez na vida, principalmente as que de alguma forma o colocaram naquela situação.

Conseguiu lembrar o som do sapato de solado macio do advogado ao entrar na nave central da estação e a curiosidade que o impeliu a

puxar assunto, o inesquecível tic-tac do relógio no ponto mais alto do saguão principal que agora, no silêncio, se estivesse na estação, poderia ouvir mais claramente.

Tudo parecia fazer mais sentido para ele naquele instante.

Quais caminhos foram responsáveis pela concretização daquele momento derradeiro não importava mais, pois aquele momento, o momento que parecia anteceder sua partida deste mundo lhe pertencia. Ouvira muitas vezes que diante da morte certa, algumas pessoas tinham insights espetaculares e mergulhavam em realidades de mundos totalmente novos.

Edgar estava disposto a viver aqueles minutos finais de sua existência do seu jeito. Iria aproveitar cada segundo, por mais breve que estes fossem. Ele sempre teve a certeza de que era o



senhor do seu próprio destino e não imploraria pela sua vida, estava resoluto nesta questão.

O velho Edgar sabia que a resposta para tudo que lhe atormentava a mente estava ali diante dele, mesmo que não tivesse ainda conseguido perceber. Não aceitaria sentir-se como um navio sem controle no mar da vida, isso jamais.

A possibilidade de salvar-se naquele momento dependia de uma aproximação daquela voz; voz que tão docilmente lhe respondia as perguntas e lhe oferecia a morte como única saída daquele encontro às escuras.

Queria saber mais sobre a experiência que estava vivendo e não perderia um segundo sequer sem as respostas que entendia serem cada vez mais preciosas.

Edgar estava disposto a saber tudo sobre os seus algozes e o lugar de onde eles vieram.

Como tomado por uma coragem súbita perguntou:

— Estou me sentindo muito bem entre vocês, mas eu gostaria de saber exatamente como é sua aparência, posso tocá-lo?

Aquela parecia ser a primeira vez que um humano pedia para tocar um deles, dada à surpresa que rapidamente se espalhou entre aqueles milhares de corpos que se moviam no escuro. Aquelas criaturas estranhas à humanidade, estavam acostumadas a serem temidas execradas pelos homens que as confundiam com seres infernais, no entanto aquela era a primeira vez que um humano pedia para tocá-los.

Um grande círculo se formou em torno de Edgar. Uma das criaturas se aproximou, segurou-lhe a mão e guiou-a até sua pele levemente coberta de pelos bem curtos. Edgar sentiu uma estranha sensação de esfriamento, mas não

hesitou, tateou gentilmente o corpo do estranho à sua frente. Percebeu que ele era muito parecido com as pessoas que conhecera.

Os pelos embora bastante curtos moviam-se em todas as direções, por baixo da caixa torácica um coração muito forte podia ser sentido batendo acelerado, as costelas todas viradas para cima causou-lhe uma surpresa não tão maior quanto à constatação de que a criatura não tinha olhos na face.

No momento que seus dedos detectaram a ausência de olhos na parte da frente do crânio, Edgar deu um passo para trás e aparentando estar satisfeito com a experiência ele se dirigiu a criatura.

— Eu posso sentir os outros “corredores” do seu povo passando por nós velozmente, para onde eles estão indo? Perguntou Edgar confiante.

— Eles estão indo para o seu mundo!  
Respondeu a voz.

— Como assim? Não estamos no meu mundo neste momento? Pergunta Edgar surpreso.

— Não. A voz sorriu. — Estamos no interior da sombra do poste, ela atravessa o saguão e vai até a parede, lá ela se funde com a sombra do quiosque que nos leva até as ruas da sua cidade; como você ainda não percebeu, meu povo e eu passamos toda nossa vida no escuro. Enfatiza a voz.

— Eu também. Exclamou Edgar, encerrando a conversa.

## Capítulo Quatro

### O Mundo dos Homens

Enquanto o cego Edgar do Rio de Janeiro vivia a mais incrível experiência de sua vida, em diversas partes do mundo, líderes de vários países enfrentavam um desafio ainda maior, salvar o maior número de pessoas de um suposto agente biológico que se espalhava velozmente pelo globo e afetava em um primeiro momento as crianças e idosos, para logo em seguida comprometer também os adultos saudáveis.

No centro de Praga, capital da República Tcheca, uma senhora surda caminha pelo apartamento 204 do edifício Elizabeth II em direção à janela trazendo consigo uma jarra contendo água; era a décima sétima vez naquela manhã que ela fazia o mesmo percurso, e aparentemente o destino da água era um vaso com plantas que repousava no parapeito da janela.

Com sinais claros de demência a velha senhora curvava-se sorrindo para admirar a água sendo rapidamente absorvida pela terra já úmida, permanecendo completamente alheia as gotículas que caíam no beco logo abaixo.

O pequeno apartamento repleto de lembranças de uma vida de excessos e glamour estava agora sendo devorado pelo tempo. Os móveis já soltando pedaços sobre o carpete manchado e empoeirado. Os quadros amarelados em suas molduras descascadas pendiam tortos em quase todas as paredes. Nas mesas e aparadores pequenos objetos insistiam em testemunhar as viagens, e os inúmeros amores perdidos.

Naquela parte mais antiga da cidade era comum o desnivelamento das vias públicas, centenárias em sua maioria, feitas de pedras encontradas na região, assentadas lado a lado. O bairro já foi reduto de boêmios e abrigou muitas

casas noturnas e teatros que por longos anos atraíram a aristocracia tradicional européia. Hoje, apenas o espaço na praça central é usado como mercado e centro cultural.

No beco logo abaixo, um homem de meia idade se aproximava ofegante, cruzando uma das vielas de acesso a Praça Central da Cidade Velha. Pulou incontáveis muros e superou diversos obstáculos para chegar até ali, quando então, foi surpreendido pela inesperada poça feita pela senhora do segundo andar; como era de se esperar, ele escorregou e caiu batendo violentamente contra o passeio molhado.

Passado o susto e a violência da queda, ele foi lentamente tomando consciência de si e do lugar onde estava. As paredes de tijolos avermelhados dos prédios a sua volta, o cheiro pungente de lixo não recolhido há semanas, as escadas de incêndio já enferrujadas prestes a ruir

e, por fim, a idosa em um dos prédios acima dele que alegremente ainda continuava a criar a armadilha na qual ele mesmo caíra.

Antes que ele pudesse se erguer, superando a dor que sentia em quase toda a extensão das costas e pernas, percebeu a aproximação rápida de seis homens.

Cinco dos seis estavam utilizando uniformes do exército tcheco com nomes estrangeiros escritos no peito. O sexto vestindo apenas um terno preto de linhas sóbrias e discretamente bem alinhado observava a todos os seus movimentos.

O sujeito, um pouco mais velho e alto que os demais, de olhar profundo e misterioso, seu cabelo ligeiramente desalinhado e a barba por fazer o deixavam com ar ainda mais intimidador.



Todos estavam muito bem armados e traziam presos aos uniformes equipamentos tecnológicos que ele nunca tinha visto na vida. Possuíam leitores térmicos, tasers na cintura, detectores de som e granadas, muitas granadas, presas ao corpo.

Depois de ter frustrada sua primeira tentativa de erguer-se, impedido por um dos homens uniformizados, que o segurou com firmeza junto ao chão, ele resolveu analisar melhor sua situação antes de qualquer tomada de atitude, pois estava claro como a água que caía sobre sua cabeça ininterruptamente que a força física não era uma opção naquele momento.

Quanto mais ele pensava sobre sua situação, mais ficava claro que precisava de uma estratégia de fuga; não bastava levantar e sair correndo, por exemplo. Olhava os prédios a sua volta e constatava que aquela parte da cidade já

estava completamente abandonada, pois em vários apartamentos acima deles roupas balançavam ao vento, expostas à poeira, ao sol e a chuva que nos últimos dois dias castigaram a região.

Como um redemoinho no centro de um rio, que vai tragando tudo à sua volta, milhões de soluções para aquele impasse passaram imediatamente pela sua cabeça e foram descartadas. Pensava até na possibilidade daqueles homens não serem realmente do governo Tcheco. Reconhecia-se um homem livre e por este motivo não deveria, em hipótese alguma, estar naquela situação.

Os seus captores falavam muito bem sua língua, no entanto como lecionava linguística na educação básica de Praga percebeu que os estranhos possuíam um curioso sotaque do meio oeste europeu, pronunciavam as vogais de modo sibilante e bastante incomum. No caso de não

pertencerem ao seu país também não estariam sujeitos às suas leis.

Então, já vencido pelo cansaço das horas de fuga, dolorido pela queda não prevista, fragilizado e estirado no piso molhado, o homem, que há apenas alguns dias levava uma vida tranqüila e comum, assistia aos jogos do seu time de futebol favorito e bebia vodka russa com seus amigos nos pubs próximos a Estação, agora estava decidido; não prolongaria mais aquela humilhação, era uma questão de princípios, uma questão de honra.

Um vigoroso impulso o pôs de pé e ele resolveu apelar para a força das instituições; instituições estas que ele mesmo ajudou a criar.

— Vocês não podem me tirar à liberdade de ir e vir tenho meus direitos! Gritou com todas as forças que pôde.

Embora não entendessem o porquê, os soldados pareciam recuar diante da investida daquele que, mesmo em desvantagem física e numérica, agora assumia uma postura mais firme diante deles.

Os soldados hesitaram por alguns segundos, e eis que uma voz mais firme se fez ouvir por trás deles e os encorajou a assumirem o controle da situação; era ele, o homem do terno preto e o cabelo desalinhado.

— O senhor virá conosco. Não permitirei que me cause mais problemas! Sussurrou.

O professor abatido não se intimidou, continuou.

— Não sei quem é o senhor, mas eu só saio daqui morto, eu sei bem o que está acontecendo com as pessoas quando elas chegam naqueles postos de mentirinha que vocês do

governo criaram pra tratar eu sei lá o que... — Eu sei!! Gritou com toda força para que toda a cidade pudesse ouvir; caso houvesse alguém.

A voz por trás dos soldados uma vez mais se fez ouvir e desta vez finalizando a discussão em tom de sentença.

— Como o senhor quiser. Virando-se para os soldados disse: — Que fique registrado que este homem rejeitou nosso convite para seguir conosco.

Armas, balas, tiros e gritos que se seguiram a esse diálogo, se misturaram a tantos outros ao longo daquela manhã em todos os cantos da cidade que dificilmente se poderia mensurar o alcance daquela ação militar.

Quando o beco aparentemente silenciou a água ainda vertia do segundo andar do Elizabeth II, onde a idosa insistentemente regava sua plantinha.

Uma, duas, três gotas caem sobre o terno preto e a velha senhora foi notada. Erguendo a cabeça ele conseguiu vê-la melhor. Voltando-se para os seus subordinados, ordenou.

— Levem aquela mulher para o centro instalado no distrito de Rudná e continuem as buscas, ainda há muitos buracos nessa cidade para serem vasculhados.

Respirou fundo, com sinais claros de fadiga física e emocional, e virando-se para seu comandante explicou:

— Comandante Kassinsi, eu estou voltando para a Planta Central no monte Pilbara.

— Aqui está tudo sob controle, boa Viagem Doutor. Disse o comandante respeitosamente.

Aos poucos o silêncio e a desolação voltaram a confiscar seu direito sobre aquelas paragens e o centro de Praga já começava a

lembrar as cidades fantasmas dos filmes futuristas norte-americanos. À noite, as câmeras de vigilância flagravam seres sinistros caminhando livremente pelas ruas do centro e nos bairros mais afastados da cidade, abandonada pelos homens.

Agora, que aparentemente a Era dos Homens na terra chegava ao fim, os seres da noite caminhavam sobre ela livremente.

O lixo que se acumulava nas avenidas, as muitas barricadas de madeira nas portas e janelas dos apartamentos e os carros cobertos de poeira eram resultado da ausência quase total de pessoas.

O episódio no beco estava longe de ser um caso isolado, pois a mesma cena estava se repetindo ao redor do mundo e os governos tinham poucas opções para lidar com a situação das resistências de forma adequada.

A idéia era tentar minimizar os impactos das primeiras semanas de intervenção governamental nos distritos que de alguma forma já estavam sendo afetados pelo agente biológico intencionalmente liberado, sendo as náuseas e a insônia os primeiros sintomas registrados.

Segundo as fontes oficiais dos países onde a mesma crise estava ocorrendo, foi posto em prática um plano que consistia em alardear que em menos de um mês todos que estivessem nas ruas das cidades ou até mesmo escondidos em subsolos de casas e prédios estariam sofrendo os mesmo sintomas da exposição ao agente biológico e se não tratados de forma adequada estariam condenados. O embuste do agente biológico funcionou muito bem.

Secretários de segurança e suas delegações reuniram-se com seus chefes de governo para discutir a crise mundial. O assunto



principal na pauta das primeiras nações afetadas era a tentativa de juntos assumirem uma série de compromissos que definiriam o futuro de seus cidadãos e possivelmente de toda a humanidade como espécie dominante no planeta.

A discussão desses encontros não apenas sobre a sobrevivência humana, pois a dúvida real era se depois dos eventos previstos os seres humanos teriam ou não um planeta para habitar.

A verdade é que a farsa biológica funcionou em um primeiro momento, no entanto, logo em seguida revelou-se ineficiente, pois a circulação de informações pela internet acarretou em uma forte resistência de algumas pessoas que desconfiaram das intenções do governo, dando origem a grupos de milicianos que insistiam em defender suas casas e familiares.

De volta ao apartamento 204 do edifício Elizabeth II, a velha Yolanda, como era conhecida

há dez anos, continuava seu percurso que ia da pia da cozinha até a sacada da janela e voltava, mas desta vez confabulava aparentemente sozinha.

— Acho que você sabia que eles matariam o pobre homem, não sabia? Tossiu duas vezes antes de continuar.

Ela parou próximo à janela e enquanto observava o sol curvando-se por cima dos velhos telhados seguia dizendo:

— Houve um tempo em que os homens resolviam seus problemas de um modo diferente...bons tempos aqueles, sinto saudades, sabia? Agora mesmo, eu posso senti-los subindo as escadas com suas armas, sempre com suas armas, acho que vieram me buscar, igual fizeram com os outros.

Do lado de fora do apartamento três soldados se posicionaram na frente da porta e

iniciaram o procedimento de invasão. Ao sinal do comandante derrubariam a porta e capturariam a idosa tão rápido que ela não teria nenhuma chance de reação.

O capitão ordenou cautela aos soldados, afinal a velha senhora podia não estar sozinha e eles precisavam estar preparados para qualquer eventualidade.

Dentro do apartamento a plantinha já encharcada era agora observada bem de perto por sua dona que em tom de despedida deu-lhe um pequeno beijo.

— O momento que estávamos esperando chegou pequenina amiga, daqui para frente cada uma de nós terá que se esforçar muito para continuar existindo, sabia? Sabia que eu te amo? Sabia? Eles, eles vão tentar separar você de mim, mas eu não vou deixar, sabia?

Inesperadamente a figura de uma menina de uns oito anos de idade surge de um dos cômodos da casa e se dirige à idosa em tom jocoso.

— Sabia, sabia, sabia, sabia. Pare de falar tanto “sabia”. Quanto aos soldados do outro lado da porta, não se preocupe, eu cuido deles; eu tenho grandes planos para você!

— Minha cabeça dói quando você entra nela assim. — Disse a idosa.

— O que eu posso fazer se você é surda? Continuou a menina.

As duas acercaram-se da porta aguardando a entrada forçada.

No peitoril da janela, no outro extremo da sala, tão logo foi beijada, a pequena planta começou a mover-se lentamente na direção da janela. Pequenos tentáculos saíram do interior do

caule principal e agarrou a borda do vaso, forçando sua saída do torrão de terra molhada.

Aos poucos as raízes foram ficando completamente expostas, e com movimentos semelhantes aos dos pseudópodes, a pequenina atravessou a janela aberta, se agarrando às irregularidades na parede, e desapareceu.

## Capítulo Cinco

### A Grande Colheita

Praga - República Tcheca

Escritório do ministro da defesa tcheca

— Como secretário de segurança, eu me reporto a vocês nesse momento difícil meus companheiros! Resolvemos fazer essa reunião com o objetivo de sanar todas as suas dúvidas quanto à legitimidade do que estamos fazendo. Estou aqui em nome da nossa presidente para discutir um problema que precisa ser enfrentado pelas principais lideranças mundiais.

O secretário sabia e queria deixar bem claro para os seus pares que uma crise sem precedentes na história recente da terra estava iniciando.

— Conto com a discrição e apoio incondicional de cada um dos senhores. Um inimigo está prestes a bater a nossa porta, um inimigo contra o qual temos poucas possibilidades de defesa. Como os senhores já foram informados, não contaremos com o apoio da população, porque se o povo souber o que esta por vir os nossos esforços de preservação da nossa espécie serão frustrados pelo pânico generalizado.

Todos que participavam da web conferência perceberam que o objetivo daquilo tudo ia além da garantia do seu modo de vida. Eles precisavam focar nas possibilidades de salvar o maior número de vidas possível.

O Secretário continuou:

— Cada governo aqui representado sabe que um fenômeno de proporções inimagináveis irá ocorrer em breve, e todos os civis que estiverem nesses pontos marcados no mapa, que anexamos

nos relatórios enviados para cada um dos senhores, deverá ser considerado morto quando terminar a evacuação.

— Amanhã a essa hora, em escala mundial, a Light Brothers aumentará o número de postos avançados da sua central holandesa e em cada um dos países que fazem parte desse tratado; é muito importante que para a população eles sejam apenas centros de controle biológicos.

— Senhores, nós precisamos que os cidadãos cheguem aos centros de controle por vontade própria.

— A nossa relação com os nossos amigos e bem-feitores esta baseada em princípios e em um conjunto de valores bem específicos, inclusive alguns que ainda não entendemos bem. Firmamos com eles um compromisso de que nenhuma pessoa seria levada aos centros de controle biológicos contra sua vontade.



Ao que parece a estratégia que eles usaram e continuariam a usar para que a evacuação ocorresse como foi planejado não era complicada de se entender e executar. À medida que os cidadãos iam se cadastrando nos centros, eles eram medicados e encaminhados para uma área de contenção de onde não tinham mais contato com o mundo exterior, ficando sob a custódia do governo. Percebendo o efeito de suas palavras nos ouvintes, ele continuou:

- O mais importante é que cada uma das lideranças contenha a opinião pública dos seus Estados, utilizando os meios de comunicação de massa.

Olhando para os monitores, onde os líderes mundiais o acompanhavam, ele encerrou:

- Queremos deixar claro, e o presidente me autorizou a falar em seu nome, que em hipótese alguma...

Berlim.

— Os cidadãos que entrarem nos centros...

Nova York.

— Poderão voltar...

Nova Deli.

— Para suas casas...

Toronto

— Usaremos a força, se for necessário, pois eles são incapazes de decidir o que é melhor para eles nesse momento.

A crise que transformou as maiores e mais importantes metrópoles do mundo em cidades fantasmas não foi totalmente percebida em um primeiro momento nas zonas mais afastadas dos grandes centros.

No Camboja, por exemplo, o agente biológico que afetou a vida de bilhões de pessoas ao redor do mundo, em menos de duas semanas, ainda não tinha chegado aos noticiários locais e a vida seguia seu ritmo aparentemente natural.

Um casal de namorados retornava de uma Viagem de duas semanas no interior da floresta cambojana ignorando o que se passava no seu país de origem.

Durante o tempo em que os dois estiveram isolados, a natureza praticamente intocada da floresta cambojana compartilhou com os dois jovens, Kimberly e Chris, seus incríveis segredos; mergulhados nos fenômenos da vida natural, eles viveram dias inesquecíveis.

O momento de voltar para casa havia chegado e eles se puseram a caminho da vila mais próxima, onde um barco os levaria pelo rio Khong até a capital. Quando se aproximavam da vila de

Roi Me Ing, os dois jovens enamorados renovavam seus votos de afeto e companheirismo mútuo alheios a crise que o mundo estava enfrentando.

O jovem Chris nasceu na Índia, filho de pai indiano e mãe americana, que por dez anos foi funcionária do consulado americano naquele país. Ele conhecera Kimberly em um programa de pesquisa de sua escola e desde então não se separaram. Juntos compartilhavam o mesmo interesse pela aventura, biologia, ciência e queriam saber tudo sobre a ordem do universo.

Os dois estudavam metodicamente a formação da galáxia e do seu planeta e sempre ficavam entre os melhores da escola secundária de sua cidade, pois vez ou outra criavam suas próprias teorias sobre a origem de tudo, faziam experimentos e os apresentavam em eventos públicos.

Embora Kimberly, mais jovem que Chris, tenha tido seu caráter moldado em uma vida de lutas domésticas e competições diárias com seus quatro irmãos homens, amadurecendo-a mais precocemente, ela demonstrava sensibilidade pelas dores do mundo. Juntos os dois se engajavam em projetos sociais e amavam fazer tudo para tornar a vida de crianças, em risco social, o melhor possível.

Durante a volta para a vila os dois jovens não perceberam que um estranho silêncio reinava quase absoluto nas matas a sua volta, os poucos animais que encontravam no caminho caminhavam pela mata em direção ao coração do continente. Os animais pareciam querer inexplicavelmente fugir das zonas litorâneas.

Com a perspicácia característica das mulheres cuja personalidade foi forjada na luta. Ao chegarem às margens do Rio Mae Nam Khong, o

principal da região, Kimberly observou que cardumes de peixes, de todas as espécies e tamanhos, se aglomeravam na margem esquerda do rio, em oposição ao sol, as folhas das árvores gigantescas caíam incessantemente enfeitando com as cores do outono o chão da floresta e estranhamente até os insetos pareciam estar tentando uma fuga desesperada na direção do coração do continente.

Chris teve a impressão de ter visto uma onça parda saltar sobre uma grande figueira centenária e atrás dela, macacos bugios seguidos de perto por alguns saguis da cara branca.

Os nativos, muito comuns naquelas matas, surgiam de seus esconderijos verdes de tempos em tempos, acenavam para os dois, sorriam cordialmente e voltavam a se misturar ao paredão verde esmeralda.

Quanto mais se aproximavam da vila, mas Kimberly segurava firme a mão de Chris, ela temia que algo de ruim pudesse acontecer a qualquer momento e a confiança mútua e inabalável era tudo o que os dois possuíam naquele fim de mundo.

Toda essa movimentação fez com que os dois se perguntassem se o mundo tinha ficado louco nesses quinze dias em que estiveram isolados no coração da mata. Sons de tambores podiam ser ouvidos ao longe e conforme se aproximavam da vila os sons pareciam mais intrigantes.

Kimberly ouvira, quando criança, histórias de tribos isoladas geograficamente, em países remotos, que usavam tambores para sua comunicação com outras tribos. Se esse era o caso; o que aqueles tambores estariam dizendo? A

mensagem era sobre o quê e para quem? ela se perguntava....

Um cheiro forte de carne e madeira queimada arrancou-a dos seus pensamentos e a curiosidade foi subitamente substituída pelo medo. Sentiu seu coração acelerar, sua pele levemente umedecer e sua boca secar; se Chris não estivesse ali, talvez não conseguisse dar nem mais um passo na direção da vila, ele era sua força, sua inspiração, seu ponto de equilíbrio.

Quando os dois romperam entre os arbustos viram surgir diante deles, no centro da vila, a visão de quase trezentos nativos de várias etnias sentados em um respeitoso silêncio.

Aquela era uma cena inusitada, pois as tribos daquela região eram inimigas de décadas. Diferente das outras tribos da região do rio Mae Nam Khong, a que Djai Ling liderava era uma das mais movimentadas durante o dia, graças ao



vibrante comércio de especiarias que ali se desenvolvera durante o século XIX, por conta da grande distância da capital e o apoio que Djai Ling recebera durante o controle da marinha Portuguesa na região.

O fato é que estavam todos reunidos como irmãos em volta da fogueira, que agora estava quase totalmente apagada e os restos de ossos e folhas de árvores espalhados pelo chão eram o resultado de um suntuoso banquete há pouco terminado.

Compartilhar a refeição marca o início de uma existência coletiva, um símbolo de amizade e respeito mútuo entre os povos da floresta.

Os missionários de diversas denominações cristãs que sempre eram vistos entre os nativos, aparentemente não estavam nas proximidades. O silêncio assustador, só era quebrado, vez ou outra, pela cadência triste de outro tambor solitário no alto

da colina. Este, de som mais grave fazia o sangue gelar, provocando um desconfortante esfriamento na pele.

Os nativos daquela região eram hábeis em se camuflar na vegetação. De onde os dois estavam não conseguiam ver o nativo que tocava o lúgubre instrumento, mas sabiam que ele estava lá, entre as árvores, como parte dela, no coração e na alma da mata;

Todas as aldeias que juntos formavam os Mhuay Khongs, unidos por laços matrimoniais e religiosos, se especializaram na arte da guerra; tornando-se o grupo étnico dominante na região.

As estratégias de batalha e conquista, que permitiram a sobrevivência dos Mhuay Khongs eram a razão de sua existência. Cada nativo tinha uma tarefa específica dentro do grupo e desde cedo aprendiam que o ponto mais fraco do inimigo não é seu coração, mas sua mente.

Quando os primeiros espanhóis chegaram à região do rio Khong não puderam deixar de perceber a riqueza geológica ao seu redor e os nativos como um obstáculo ao seu avanço. Centenas de exploradores chegaram até a vila ao longo dos anos e foram gradativamente se integrando a comunidade.

Os Mhuay Khongs, por sua vez, perceberam que deveriam corresponder às expectativas dos visitantes, pelo menos por um tempo. Os visitantes pensavam lidar com selvagens ignorantes e tecnologicamente inferiores e era exatamente isso que os Mhuay Khongs deixavam que eles pensassem.

No centro da vila, do lugar onde todos os nativos estavam reunidos, era possível se contemplar não apenas as colinas no entorno, bem como a mata que se erguia poderosa em todas as

direções, sua fronteira se limitava aos canais principais do Mae Nam Khong.

Olhando na altura do espelho d'água, o velho rio parecia tocar levemente o céu, pois sua tonalidade carmim, naquela época do ano e as cores do céu se misturavam suavemente. As nuvens que pouco a pouco se posicionavam sobre o espelho d'água pareciam dançar e tocar as águas do Khong.

Os nativos de torço curvado olhavam para o rio de uma maneira estranha naquele dia, sussurravam frases ininteligíveis, talvez por que Kimberly e Chris estivessem longe demais para ouvir ou porque eram ditas em uma língua que não conheciam mesmo.

Estariam todos os nativos tendo algum tipo de alucinação coletiva? Que tipo de encontro de tribos era aquele que testemunhavam? Por que os missionários espanhóis não estavam lá registrando

o fenômeno como sempre faziam nessas ocasiões? Por que estavam todos virados na direção da foz do rio? O que esperavam?

Como que em resposta às inquietações dos jovens, as águas do Mae Nam Khong começaram a mover-se sutilmente e pequenas ondas tocaram a terra seca da margem.

Lentamente, navegando sobre as águas, surgiu a parte da frente de uma nave foi surgindo e aos poucos foi ganhando forma e crescendo em tamanho. A Nave inteira era coberta por um pigmento verde acetinado, sem portas ou janelas a vista e que reagia estranhamente ao contato com a luz.

A nave era uma estrutura aparentemente sólida, no entanto, muito leve e que conseguia manter-se sobre a lâmina de água a exemplo de vários insetos. Todos os nativos curvaram suas cabeças em direção ao solo, à medida que a

majestosa nave começou a surgir, nenhum deles ousava erguer os olhos.

Cada um dos cerca de trezentos nativos estavam ajoelhados, com suas cabeças tocando o chão empoeirado e mantiveram-se assim até que a estrutura aportasse no ancoradouro principal.

O ancoradouro tinha sido ricamente adornado pelos nativos com flores e frutos colhidos naquela manhã. O outro odor começava a predominar no ambiente tão logo a nave aportou, se sobrepondo aos aromas naturais daquela região.

Um perfume adocicado se espalhou rapidamente pelo espaço da vila, impregnando todo o ar e as pessoas.

De pé no ancoradouro principal três nativos posicionaram-se de forma solene diante da nave. Na frente, Djai Ling, o ancião e líder máximo dos

Mhuay Khongs se curvou e fez uma reverência. Ele ergueu o braço esquerdo, mantendo a mão espalmada, cobrindo o sol que insistia em ofuscar sua visão.

Para Kimberly ver aquele homenzinho de pé na frente daquela nave era uma visão extremamente impressionante. Lembrando os soldados da Yakuza, a máfia japonesa, ele trazia o corpo coberto de tatuagens.

No corpo de Djai Ling, tatuagens retratavam batalhas antigas, mostravam criaturas monstruosas em lutas corporais com homens usando armamentos rudimentares, seres celestiais incendiando os céus com grandes bolas de fogo.

As imagens iam surgindo na mente dela à medida que ela se concentrava nele. Kimberly não entendia como ela conseguia de tão longe perceber aquela riqueza de detalhes impressos na

pele daquele homem tão miúdo e o que tudo aquilo deveria significar.

Ao sinal de Djai Ling os dois nativos mais fortes curvaram-se e seguraram firmemente o que seria a base de sustentação do tapume de bambu que estava entre eles e o seu líder, erguendo-o.

O tapume ocultava um buraco recém-cavado de aproximadamente quatro metros por quatro de largura e dois metros de profundidade.

De onde estavam Kimberly e Chris puderam apenas perceber que algo se movia e grunhia dentro do buraco.

— Será que é algum bicho? Sussurrou Chris.

— Vamos lá ver! Sussurrou de volta Kimberly enquanto se esgueirava por entre à vegetação em direção a uma árvore próxima.



— Tá doida?? Perguntou Chris — Você vai nos matar Kim!! Cochichou ao perceber que a namorada já não estava do seu lado.

Kimberly já estava longe demais para ouvir e quando Chris conseguiu vê-la entre as folhagens de uma grande árvore, ela já estava a quase três metros do chão.

O olhar de surpresa de Kimberly para dentro do buraco, a virada brusca de cabeça na direção do namorado dava a entender que algo estava errado naquela vila e que dentro do buraco havia algo mais que animais da última caçada.

Tão logo os nativos levantaram o tapume que ocultava o buraco e seu conteúdo, Djai Ling, o líder dos Mhuay Khongs, de barba comprida e levemente marcada pelo tempo, aproximou-se da grande estrutura verde e esticando sua mão direita, tocou-a.

Os tambores na mata silenciaram instantaneamente e o som do que parecia ser uma trombeta fez-se ouvir. Um som tão grave e forte que algumas pedras deslocaram-se das colinas próximas, precipitando-se nas águas do velho khong, forçando-os a cobrir os ouvidos com as mãos.

Tão rápido quanto partira, Kimberly retornou para junto de Chris, com os olhos arregalados e parecia suar frio, seu coração disparado podia ser sentido descompassado sob a pele, ela inesperadamente segurou-lhe pela mão e disse com muita firmeza:

— Temos que dar o fora daqui Chris, agora!

— Por que Kim? Perguntou Chris aparentemente assustado e com coração acelerado.

— Você se lembra dos missionários e funcionários do governo espanhol que sempre estão por aqui?

— Sim, o que têm eles? Perguntou Chris, já imaginando a resposta.

— Estão todos naquele buraco! Deve ser algum tipo de cerimônia de sacrifício, sei lá! Disse Kimberly bastante assustada. — Eles não podem ver a gente Chris, eles não podem, vamos!

Se os dois jovens tivessem permanecido mais alguns minutos no seu ponto de observação teriam ficado ainda mais assustados com o que veio a seguir.

O velho ancião ainda estava de pé ao lado da nave quando Chris e Kimberly sumiram no meio da mata.

Depois de alguns minutos em um respeitoso silêncio, Ling fez um sinal com a cabeça

e rapidamente dois nativos surgiram transportando uma pequena caixa de madeira muito antiga e o que parecia ser uma espécie de cajado de madeira com duas mãos fechadas na extremidade e a figura de uma cobra contornando todo o conjunto.

A caixa parecia ser muito preciosa, as laterais eram reforçadas com metal avermelhado nas extremidades e na tampa uma trava do mesmo metal impedia que ela fosse aberta acidentalmente tendo sua parte externa toda coberta por uma infinidade de desenhos e símbolos.

Quase todos os desenhos que estavam na superfície da caixa também estavam tatuados na pele de Djai Ling.

Como se fosse uma dança ensaiada, os dois nativos passaram a caixa para Ling que retirou de dentro dela uma espécie de amuleto, um brasão cor de fogo, com três círculos dentro de um

quadrado em alto relevo com pedras roxas nas quatro extremidades do quadrado.

Djai Ling calmamente ergueu o cajado e o brasão acima de sua cabeça e os exibiu para seu povo; todos fizeram uma reverência. Depois, ele bateu com o brasão contra a parede da nave que, fez as pedras nas extremidades se iluminarem como lâmpadas.

Então, segurando-o firmemente e mantendo o braço estirado, em um só golpe Djai Ling chocou o objeto contra o chão e o ergueu na direção do céu, ativando-o.

Um zumbido cortou o silêncio, que até então reinava absoluto, e uma sombra densa e escura começou a se formar em torno do objeto.

Ela foi lentamente descendo pelo braço de Djai Ling e se espalhando pelo seu corpo, cobrindo-o. As tatuagens em sua pele iam ficando

reluzentes a media a massa escura se espalhava, uma estranha reação ao contato com ela. Em questão de segundos o corpo inteiro do líder dos Mhuay Khongs estava coberto por aquela massa disforme que cintilava vez ou outra enquanto se movia em direção ao chão.

O medo estampado no rosto dos dois nativos que estavam de pé segurando o tapume se espalhou entre os outros nativos que permaneciam sentados no centro da vila. Com medo e assustados alguns se puseram imediatamente de pé, outros apenas olhavam o corpo do seu líder desaparecer envolvido por aquela coisa e os dois guardas se debatendo na tentativa inútil de libertarem-se da massa escura que também já os envolvia.

Quando a massa escura tocou o chão, explodiu em um tom de verde escuro cintilante em todas as direções envolvendo primeiro todos que

estavam dentro do buraco, logo em seguida subiu, envolveu e consumiu todos que estavam ao seu redor.

Há apenas alguns quilômetros dali, Chris e Kimberly pararam para descansar um pouco no topo de uma pequena rocha que dava acesso à trilha de uma colina e ficaram alguns minutos olhando na direção da vila; a preocupação do casal girava em torno do destino das pessoas presas no buraco sob o tapume de bambu.

Os dois não sabiam ao certo o que fariam ao chegar à cidade e como contar uma história dessas para as autoridades sem parecerem loucos, afinal não ficaram para ver o que aconteceu com os prisioneiros dos Mhuay Khongs.

Repentinamente, de onde estavam, escutaram um som sibilante vindo da vila que lembrava um enxame de abelhas e se viraram, no momento exato, em que a massa gigantesca subiu

sobre as copas das árvores e envolveu quase todo aquele lado da floresta.

Seja o que for que os nativos libertaram, parecia devorar toda a luz que vinha do sol, se expandia rapidamente dando a impressão que iria devorar toda a luz do mundo.

Assustados os dois pensaram em correr, no entanto da mesma maneira que a coisa surgiu, ela desapareceu. Chris parado do lado da namorada tentava entender o que tinha visto enquanto Kimberly ficou parada olhando na direção da vila.

Ela teve a estranha sensação de ter ouvido um sussurro vindo da coisa escura. Kimberly parou para pensar por alguns instantes e teve certeza, não foi uma sensação, alguém ou algo lá dentro sussurrou seu nome.



## Capítulo Seis

### Os Arautos da Noite

No Hemisfério Sul, à noite já tinha estendido o seu manto gelado sobre a terra quando um avião de carga do governo americano a serviço das Nações Unidas começou a fazer um vôo de reconhecimento em um ponto específico do Deserto Oeste, na Austrália.

O avião fazia um vôo baixo e silencioso sobre as dunas, guiado apenas por instrumentos, pois inexplicavelmente naquele ponto do deserto, à noite parecia estar mais escura que de costume. Quando o piloto se certificou que em solo estava tudo sob controle e recebeu as coordenadas de pouso, iniciou a descida em uma pista previamente improvisada.

O piloto, assim como todos os membros da tripulação, estava sob forte pressão emocional.

Longe de suas famílias, desconectados a um mês de seus amigos, mas esperavam terminarem sua missão e receberem permissão de voltarem para suas casas.

Vários outros pousos semelhantes começaram a chegar a intervalos cada vez menores entre eles. Após o sucesso dos primeiros e contando com um forte esquema de proteção, aeronaves de todos os cantos do planeta começaram a chegar; intensificando o tráfego aéreo no local.

Nas laterais da pista, vários caminhões de carga receberam autorização para estacionar. Soldados armados isolaram o perímetro e instalaram grandes projetores que iluminaram a noite fria do Deserto Oeste.

A luz que o exército projetava diretamente nas areias podia ser vista a mais de 30 quilômetros de distância de tão fortes que eram. Essa medida

teve um efeito positivo na moral dos soldados, pois cada membro da equipe de segurança tinha ordens expressas para atirar em qualquer um ou qualquer coisa que se aproximasse da preciosa carga ou se movesse nos arredores.

Toda aquela operação noturna teve sua eficácia questionada dias antes, nas principais agências internacionais de segurança, pois além do fator noite, o frio do deserto era um desafio para os componentes eletrônicos que conservavam o conteúdo dos contêineres e dos instrumentos das aeronaves.

Dois aviões menores desembarcaram cientistas de várias nacionalidades e técnicos operacionais que rapidamente entraram em veículos especiais e desaparecem na escuridão das dunas; entre eles desceu um que se destacou por sua postura diante dos outros comandantes e até mesmo diante do secretário de defesa

australiano que acompanhava tudo de seu gabinete improvisado, com seu charuto e seu copo de wisk na mão.

A curiosa figura do secretário de defesa australiano assumira para si a voz de comando, embora fosse um tipo de homem frágil de caráter, talvez por reconhecer suas limitações. Para conseguir executar as tarefas mais complexas, o Doutor delegava aos mais próximos a responsabilidade sobre cada detalhe da operação.

Ele raramente sorria ao cumprimentar os recém-chegados, sua rigidez tinha um propósito e deixava isso muito claro. O secretário era acompanhado de perto por outro tipo enigmático e não tão afeito a excessos quanto ele, o Doutor.

O Doutor sempre foi um sujeito que demonstrava uma fixação pelo terno preto que usava e trazia consigo um lenço cinza que passava na superfície do tecido sempre que algum tipo de

impureza repousava sobre suas fibras. Agora, a carga sob os seus cuidados e de seus homens tornava-se pouco a pouco sua prioridade.

A despeito das histórias sobre o Doutor serem ou não verdadeiras o fato é que os soldados o respeitavam; confiavam suas vidas a ele e a mais ninguém.

O Doutor esforçava-se em mostrar aos soldados e aos técnicos presentes que ele realmente estava no controle de tudo e apenas com um olhar conseguia dobrar até o mais insubordinado dos militares. Uns o respeitavam outros tinham medo dele.

Depois de checar cuidadosamente as etiquetas e os respectivos códigos em cada um dos contêineres, o Doutor indicou a ordem em que os caminhões deveriam ser carregados para que a Viagem pelo deserto fosse a mais rápida possível.

Dirigindo-se ao grupo, o Doutor deixou-os cientes de que cada minuto que permaneciam em campo aberto eles corriam risco de serem atacados; o curioso é que ninguém ousava perguntar a identidade do inimigo.

Quando tudo já estava sob controle e os caminhões estavam todos abastecidos, o Doutor mandou chamar os chefes de cada destacamento e seus respectivos tradutores.

Ele explicou ao comando que a partir daquele momento cada destacamento ficaria com dois contêineres sob sua responsabilidade e estes permaneceriam lacrados até a chegada ao seu destino.

Na parte externa dos caminhões, além das armas, foram instalados canhões de luz; que formavam um grande círculo luminoso em torno do veículo. Cada comandante sabia que o conteúdo nos contêineres era precioso demais e estavam

dispostos a guardá-los com suas próprias vidas se fosse necessário.

Em uma noite escura como aquela, os comandantes acreditavam que a luz que circundava os caminhões tinha apenas como objetivo lhes dar uma visão melhor do deserto em caso de ataque externo, mas não podiam estar mais enganados. Segundo informações passadas pelo serviço secreto a luz era uma arma importantíssima contra um inimigo em potencial.

Pouco antes da meia noite uma notícia inesperada abalou a moral do grupo. A mensagem do comitê central notificou o desaparecimento de cinco vôos programados. Os aviões que sumiram deveriam trazer as últimas cargas vindas do Oriente Médio e se juntar a eles, mas cessaram as comunicações poucos minutos depois do crepúsculo quando sobrevoavam o deserto de Tanami, no Norte da Austrália.

Ninguém sabia ainda dizer o que teria ocorrido com os vôos desaparecidos, mas o temor de que a operação estivesse comprometida de alguma forma fez com que a pressão por resultados, vinda dos altos escalões do governo, fosse aumentando ainda mais.

O Doutor deu a ordem para todos abandonarem o local o mais rápido possível, não deveriam ficar, ele sentia que estavam vulneráveis demais.

Os aviões, agora vazios, retornariam às suas bases e os caminhões iniciariam sua jornada pelo deserto. Como na imensidão de areia todas as dunas são iguais, apenas a navegação por instrumentos lhes dava a certeza de estarem no caminho.

Depois de algumas horas caminhando em direção ao Sul do ponto inicial, o comboio



finalmente chegou aos pés do imponente Monte Pilbara.

Estavam sendo aguardados por um grupo de aborígenes que após confirmarem a identidade dos visitantes lhes indicaram um ponto mais ao Norte do Monte, onde estava localizada uma base secreta, seu destino.

Após indicarem a localização aos visitantes, os aborígenes desapareceram na noite, tão rápido quanto surgiram. Nenhum dos soldados se atrevia a perguntar o motivo de terem instalado uma base no meio de um nada de areia e pedras, mas tinham jurado proteger o conteúdo dos contêineres com suas vidas e o fariam a qualquer custo.

Aproximadamente dez minutos depois do encontro com os aborígenes, o comboio chegou ao ponto indicado. Sem que pudessem se dar conta e

esboçar qualquer reação eles foram cercados por uma centena de soldados em uniformes pretos.

Um a um, cada caminhão foi inspecionado, por meios eletrônicos e físicos. Os soldados faziam questão de iluminar cada centímetro dos transportes, para só então, conduzi-los até uma máquina instalada na parede da montanha que tinha uma plataforma suspensa na sua base inferior.

Longos braços mecânicos na máquina desconectaram os contêineres dos caminhões e os suspenderam com sua preciosa carga. Lentamente a estrutura automatizada levou cada um dos contêineres para o coração da montanha.

De um posto de observação um pouco mais elevado, o Doutor, não perdia nada. Do alto podia acompanhar cada movimento lá embaixo e se algo lhe chamasse a atenção rapidamente enviava um soldado para averiguar.

Quando o descarregamento dos contêineres terminou os soldados que participaram da operação foram encaminhados em grupos de cinco para uma unidade de tratamento instalada em um dos níveis inferiores da base.

Uma parte dos soldados já demonstrava sinais de fadiga e irritabilidade, resultado das intermináveis horas de privação de sono e também significavam os primeiros sintomas de contato com o agente biológico que há duas semanas se espalhou pelo globo.

Na montanha, um pouco acima da base, em uma pequena depressão, um homem de meia idade, com estatura de quase 2 metros, corpo de guerreiro e uma longa barba pintada de branco e preto, se escondia na escuridão da noite. O estranho guerreiro acompanhou a chegada e descarregamento de cada um dos caminhões.

Ele não parecia ser o inimigo que eles temiam encontrar aquela noite, porém não deixava de ser um sujeito curioso; os nativos locais o conheciam como Rhotai.

Quase todas as tribos aborígenes, daquela região já tinham escutado algo sobre Rhotai, diziam alguns que ele possuía forças sobrenaturais e podia ficar meses no deserto sem comer ou beber absolutamente nada. Alguns juravam terem visto Rhotai sobre as dunas caminhando ao lado de uma grande serpente dourada que cuspiu fogo e cujos olhos sangravam incessantemente.

A verdadeira história de Rhotai se distancia dos contos sobrenaturais perpetuados pelos aborígenes. Ele era filho de mãe aborígine e pai britânico, nasceu na Inglaterra e lá viveu até a adolescência quando então uma experiência de quase morte o reaproximou das tradições dos seus ancestrais.

Aos 19 anos ele resolveu voltar para o deserto Oeste, buscou o que ele chamou de a “essência” da vida nas areias sagradas dos seus tataravôs e se descobriu um filho de lugar nenhum e de todo lugar.

O deserto dos antepassados de Rhotai já não existia, pois o antigo modo de vida desapareceu com eles no tempo. Rhotai permaneceu coletando venenos de serpentes raras e pedras semipreciosas, com as quais fazia escambos com curandeiros das redondezas ou empresários estrangeiros.

Nos círculos aborígenes, comentava-se que Rhotai sempre era visto na companhia de seres de outros mundos, seres estes que caminhavam no deserto à noite, inclusive, eles acreditavam que ele teria encontrado uma relíquia muito antiga que poderia dar ao seu possuidor um grande poder.

Do alto do rochedo Rhotai viu a carga, dos caminhões, desaparecer na montanha, enquanto o Doutor, alheio à sua presença do lado de fora, continuava a admirar, no interior, o fruto do seu trabalho.

Dentro do complexo, o Doutor percebeu que já tinha terminado o armazenamento e catalogação dos contêineres. Depois de trancadas as portas de segurança, ele resolveu que seria uma boa idéia tentar descansar um pouco.

O Doutor sabia que não podia cometer nenhuma falha, nada, nada podia dar errado, pois bilhões de vidas humanas estavam em jogo. Depois que descansasse acompanharia de perto a abertura de cada contêiner, e verificaria se dentro deles, as crio células armazenadas estavam em perfeitas condições.

Quase setecentas pessoas, entre cientistas e técnicos, estavam envolvidas na operação de

transporte e manutenção das crio células e andavam freneticamente de um lado para o outro, em um esforço conjunto para manter toda aquela estrutura funcionando. Bastaria uma falha na contenção ou nas fontes de energia e todas aquelas pessoas repousando nas crio células estariam mortas instantaneamente.

Entre os técnicos que trabalhavam na base existia um que chamava a atenção do Doutor, o técnico em questão, Roger Ahmud, era um jovem de 26 anos que vivia um doloroso conflito moral e religioso; não se esforçando para esconder sua rejeição à saída tecnológica usada naquele projeto. Não fosse a alta dotação de Roger, ele não estaria fazendo parte da equipe.

A idéia de que com ajuda de seres de outro mundo o governo estava armazenando pessoas em uma crio célula para trazê-las de volta a vida

tempos depois que passasse o perigo, parecia ir de encontro às leis de Deus.

Roger embora cumprisse com suas obrigações, se pegava pensando nos desdobramentos do seu trabalho. Inserir um marcador molecular em cada átomo do corpo de uma pessoa, desmolecularizar o sujeito, ou seja, cada centímetro do corpo dele, calcular os espaços existentes entre cada molécula, seus movimentos e por fim, armazená-la em uma crio célula?

Definitivamente isso não devia ser algo que Deus aprovasse, pois existem certas coisas que os homens não deveriam fazer, algumas coisas deveriam continuar sob os mistérios de Deus. Pensava ele.

Um dos técnicos de comunicação da base se aproximou do Doutor, antes que ele se retirasse passou para suas mãos uma planilha com os últimos dados da operação e um envelope com um



timbre de cera com um dragão apoiado em um cubo, um timbre de cera selava o pequeno embrulho. Ele o reconheceu imediatamente, era o timbre usado por uma sociedade secreta chamada de a Ordem dos Imortais de Orsnabrücke.

Com um aceno de cabeça o Doutor dispensou o técnico, guardou o embrulho e começou a ler os dados da planilha enquanto caminhava na direção dos alojamentos superiores do complexo.

A tecnologia de armazenamento que eles estavam utilizando baseava-se na possibilidade de se mensurar com precisão, o espaço sobre o qual tudo que existe foi construído. Do mapeamento do espaço existente entre as partículas de matéria e ao aperfeiçoamento do transporte de matéria pelo espaço foi um pulo.

Milhões de homens, mulheres e crianças descansavam agora naquelas crio células e

poderiam ser trazidos de volta sãos e salvos quando tudo terminasse. Para aqueles que dormem será como se o tempo nunca tivesse passado, séculos se converteriam apenas em um relâmpago na eternidade.

Para chegar à sua cabine ele tinha que atravessar um grande corredor central com paredes de concreto de trinta centímetros de espessura. No caminho ele ia aos poucos se dando conta do tamanho real da operação que agora liderava.

Enquanto caminhava ele pensava no deserto lá fora e em como a temperatura à noite chega facilmente aos 40º graus negativos. Como alguém conseguiria sobreviver lá fora sozinho? Sem a proteção daquela imensa estrutura nenhuma deles sobreviveria; pensava ele consigo.

O jovem Doutor não percebeu que as luzes do corredor às suas costas estavam simplesmente se apagando, uma a uma.

Ele pensava em tudo que aconteceu até aquele momento e rememorava os possíveis excessos que teria cometido e se convencia de que tudo era por um bem maior.

A distração do Doutor teve um preço. Todas as luzes às suas costas se apagaram deixando o corredor na penumbra. Quando ele percebeu que algo estava errado e virou a cabeça para se certificar viu que todo o corredor a suas costas estava no escuro. Quando se deu conta às três últimas lâmpadas a sua frente também se apagaram.

A sensação de impotência foi invadindo-o pouco a pouco e ele sentiu vontade de correr, definitivamente não podia ficar ali parado. Retirou as mãos dos bolsos para se proteger se fosse

necessário, no entanto, antes que ele pudesse ter qualquer tipo de reação, algo no escuro o agarrou pelo pescoço e o ergueu a quase oitenta centímetros do chão e o chocou contra a parede de pedra.

A ponta de uma pedra na parede atingiu violentamente uma de suas costelas fazendo com que a dor excruciante expulsasse o ar de seus pulmões. Ele tentou se livrar daquela mão incrivelmente forte que mantinha-o colado a parede, sem sucesso. Com dificuldade abriu a boca para tentar respirar e pedir socorro, mas a garganta estava demasiadamente pressionada e instintivamente bateu a parede em busca de alguma pedra solta que pudesse ajudá-lo a se defender do ataque, não encontrou e a morte nunca pareceu tão certa.

Quando conseguiu que um pouco de ar entrasse pela sua boca e enchesse parcialmente

seus pulmões, reconheceu o perfume almiscarado que sentira dias antes nas ruas de Praga; um perfume que agora impregnava sua pele, seu cabelo, se misturava ao seu suor; entrava pelas suas narinas dolorosamente e levaria meses para sair do seu terno.

Então uma voz fria como uma pedra soou pelo corredor e fez seu sangue gelar. A voz era mais que um sussurro, parecia à repetição de milhões de vozes falando ao mesmo tempo e se espalhava pelas paredes como o vento, em todas as direções.

— Porque esta lutando contra nós, Moriá? Por que está planejando nossa queda se não somos o teu inimigo?

— Se você não é meu inimigo, por que esta me matando? Por que esta nos matando? Como sabe meu nome? Arriscou o Doutor em tom perturbador.

— Não, nós não está matando você! Nós não mata humanos. Respondeu a voz.

— Então me solte, me ponha no chão e vamos conversar. Disse o Doutor, agora um pouco mais calmo, pois conseguia respirar.

Quando a criatura colocou o Doutor no chão e o libertou, ele olhou para os lados imaginando uma rota de fuga. Ele se deu conta de que a escuridão era um desafio muito grande. Ele não conseguia ver sua própria mão diante do seu rosto, como correr então na direção da saída; se perguntava.

— Será inútil Moria. Disse a voz zombando de sua ingenuidade.

— O que será inútil? Perguntou o Doutor.

— Fugir de nós. Respondeu a voz.

— Não vou fugir de você, e acenda as luzes para que eu possa vê-lo. Exclamou o Doutor bastante contrariado.

— Nós não pode fazer isso! Nós pode dar um aviso, isso nós pode. Sussurrou a voz na escuridão.

— Sua tentativa de salvar o seu povo condenou a todos. Entregue a chave para nós que garantiremos a salvação dos seus irmãos, todos eles. Acredite no que digo, sem nossa ajuda todos vocês estão perdidos. Existem forças no meu mundo e no seu conspirando contra a ordem do universo, isso inclui matar todos os humanos onde quer que estejam.

Ainda sem entender direito o que a criatura dizia o Doutor resolveu aproveitar a oportunidade e obter o máximo de informações possíveis.

— Que chave? Não tenho chave nenhuma. Disse ele para a criatura, ainda tentando vê-la na escuridão.

A criatura visivelmente zangada continuou.

— Não zombe de nós Moriá. A chave chegou até vocês hoje.

Enquanto a criatura falava o Doutor sentiu que era revistado por ela apressadamente. Quanto mais a criatura constatava que o objeto que procurava não estava com ele, mais enfurecida ela ficava.

O som de um alarme de invasão começou a ser ouvido, luzes vermelhas e brancas de emergência acenderam repentinamente e o Doutor viu pela primeira vez o seu inimigo cara a cara. Quando a lâmpada acima da sua cabeça se acendeu a criatura deu um grito de dor e dobrou de tamanho, ficou mudando de forma na frente do



Doutor como se quisesse se adaptar a luminosidade ambiente. Ele ficou impressionado com a estranha metamorfose, tinha tido a nítida impressão que a criatura não tinha olhos quando a viu de relance.

Como uma fera acuada, ela enfrentou os guardas que atiraram várias vezes sem que as balas tivessem qualquer efeito. O embate no corredor durou poucos segundos, pois a criatura avistou uma saída de ar na parte mais alta da parede do túnel, um duto que poderia conduzi-la até o mundo exterior.

A coisa se pôs de pé diante da saída do duto de ar, deu um grito e alterou sua forma para uma que pudesse se moldar a abertura na parede, mergulhando nela em seguida. Porém antes do mergulho que a levaria até o deserto lá fora, ela olhou para o Doutor e disse:

— Você colocou todos eles juntos no mesmo lugar. Você condenou todos os seus irmãos e irmãs! Estão todos condenados; todos. Saltando em seguida dentro do duto.

O sol da manhã já estava iniciando sua jornada pelo céu australiano e o frio já dava lugar ao calor habitual. Os répteis, criaturas de sangue frio, já escalavam as rochas em busca do calor do sol que aceleraria seu metabolismo e animais de várias espécies começando sua luta pela sobrevivência.

Dentro da montanha, antes mesmo que o sol atingisse seu ponto mais alto para o horário, a vida também já estava em ritmo acelerado. As câmeras de vigilância da base observaram uma movimentação estranha do lado de fora.

O Doutor foi chamado à sala de controle para tomar ciência do que estava acontecendo, bem a tempo, pois todo o sistema de segurança

estava enlouquecido. Nas telas, pequenos pontos escuros se movimentavam nas dunas em direção a montanha. Os soldados se prepararam para defender a base de uma possível invasão. Desde que chegaram já esperavam por isso.

Seus olhos não acreditavam no que estavam vendo. Em toda a extensão da base da montanha, centenas de pessoas estavam surgindo sobre as dunas e caminhando na direção da base, mulheres, crianças e idosos. Que diabos eram eles? O que eles queriam? De onde vieram? Como sobreviveram ao frio do deserto durante à noite?

O Doutor foi até o sistema de comunicação e sua voz se fez ouvir nos alto-falantes externos.

— Atenção, vocês estão prestes a invadir uma área militar. Não se aproximem mais, temos ordens de atirar para matar. Voltem imediatamente para o lugar de onde vieram; esta área esta sob

controle militar, isso é uma ordem e o meu último aviso.

Enquanto falava, o Doutor se perguntava onde tinha falhado, pois o sistema de segurança foi projetado para monitorar atividades no deserto em um raio de 150 quilômetros; então, como eles conseguiram chegar tão perto? O que será que eles queriam?

Os estranhos permaneceram lá, parados sobre as dunas apenas olhando para a montanha e ao que tudo indicava nenhum deles parecia querer avançar sobre a base, apenas cercá-la por todos os lados.

Um dos soldados chamou a atenção do Doutor para uma menina que descia uma das dunas e caminhava até o portão principal. Ela parecia não ter mais de oito anos de idade e caminhava com uma segurança.

Surpreso o Doutor disse ao soldado para que desse um close no rosto dela assim que fosse possível.

A menina caminhou entre os estranhos olhando diretamente para as câmeras a sua frente, passou calmamente diante de todas elas, como se estivesse escolhendo; até que parou diante de uma em especial. Ela olhou dentro da lente da câmera e sorriu.

— Não tenha medo Moriá! Sussurrou ela sorrindo; como se o doutor pudesse ouvi-la do outro lado.

Pela primeira vez o Doutor sentiu um calafrio percorrer sua coluna vertebral e chegar até suas pernas, pois a menina parecia estar olhando diretamente para ele. Como poderia ser isto? Que tipo de jogo era esse?

Um soldado que estava no controle do sistema de câmeras olhou para o rosto do Doutor e fez uma observação:

— Doutor, veja, ela esta fazendo algo enquanto sorri...para o senhor. Ela está mesmo sorrindo para o senhor, não acha?

— Pare de falar e aproxime a lente da mão dela, ela vai pegar alguma coisa no bolso, quero saber o que é! Disse o Doutor já bastante nervoso.

A pequenina colocou a mão no bolso, pegou um pequeno brasão cor de fogo, idêntico ao que Djai Ling usou no Camboja, e mostrou para a câmera.

Sem que ninguém percebesse o Doutor também levou a mão no bolso e pegou o envelope que recebera na noite anterior, pouco antes de ser atacado pela criatura das sombras no corredor. Dentro do envelope o Doutor alisava um pequeno

brasão que continha um desenho em alto relevo idêntico ao que a menina exibia para a câmera do lado de fora da base.

Depois de exibir o brasão para a câmera a menina ergueu-o acima de sua cabeça. Um a um, todos os estranhos parados sobre as dunas fizeram o mesmo movimento.

Mesmo estando sob o sol, às pedras em todos os brasões erguidos estavam brilhando. Sem um aviso prévio e com um impressionante sincronismo todos bateram com seus brasões no chão ao mesmo tempo e tornaram a erguê-los acima de suas cabeças.

Uma massa escura começou a sair das pedras incrustadas nos brasões e envolver aqueles que os seguravam.

Pouco a pouco uma gigantesca massa escura e impressionantemente densa se ergueu

aos céus e devorou toda a luz do entorno da montanha, cobrindo-a.

No interior da base, todos testemunharam pelas câmeras externas, aterrorizados, o que os estranhos fizeram do lado de fora. O que mais os assustou foi os estranhos parecerem pessoas comuns.

Quando todo o sistema de segurança misteriosamente silenciou e as câmeras mergulharam na escuridão, bem como toda a montanha foi consumida pela noite, o Doutor respirou fundo, olhou para o teto da base, fechou os olhos e sussurrou.

— Estamos todos condenados!



## Capítulo Sete

### A Era da Luz

A cidade de Berlin despertou naquela manhã com o sol passando através das nuvens e refletindo na sacada dos prédios espelhados do centro comercial, deveria ser uma manhã como qualquer outra. No entanto aquela não era uma manhã qualquer, o mundo estava virado de cabeça para baixo e a vida parecia ter perdido o seu rumo.

Nas praças, no centro da cidade, nas estações rodoviárias, nas estações de trem, não havia uma pessoa sequer. Aquele burburinho característico das manhãs de segundas-feiras berlinenses, no centro, foi substituído pelo som de uma janela batendo ao sabor do vento em algum prédio da vizinhança, foi substituído pelo som das folhas das árvores se arrastando pelo passeio deserto e até mesmo o som dos pássaros no

Parque Pflanzen und Blumen, podia ser claramente ouvido.

Ignorando que o país inteiro estava sob Lei Marcial, em um momento ou outro era possível ouvir um som que subitamente lembrava alguma atividade humana próxima aos antigos Bunkers da Segunda Guerra Mundial. Cada dia que passava sem os humanos, a natureza ia assumindo o controle da cidade, reivindicando pouco a pouco seu lugar de direito nesse mundo sem homens.

Na Hospitalestrasse, uma das muitas ruas residenciais da capital alemã, um filhote de cachorro revirava as latas de lixo a procura de algo que pudesse comer. A cidade vazia já começava a ser invadida por centenas de esquecidos da vaidade humana. Na fuga apressada, muitos daqueles que devotaram seus dias aos humanos foram deixados para trás. O acordo para o sono

criogênico infelizmente não incluía os animais domésticos.

Em pouco tempo os animais começaram a perceber que seus donos não retornariam e por instinto deram início a uma estranha debandada para as zonas urbanas; os que não estavam engaiolados ou acorrentados de alguma forma saíram em massa das casas e dos prédios.

Cães podiam ser vistos vagando dia e noite pelas ruas e praças desertas, gatos arriscavam-se saltando das sacadas de prédios abandonados em busca de alimento, alguns encontrando a morte nas calçadas logo abaixo.

Todos os animais estavam momentaneamente livres do julgo humano, mas seu mundo estava diferente, eles precisavam mudar também, agora, mesmo livres, dependiam dos humanos e estes não estavam mais lá.

Próximo ao parque Saint Johan, um soldado fazia um reconhecimento das vielas que dão acesso aos bairros mais populosos usando um sensor térmico. Durante seu reconhecimento ele pensava em tudo que viu ou foi obrigado a fazer nos últimos dias.

Aquele era um tipo de sentimento que ele nunca havia experimentado antes, e esse estranho sentimento crescia à medida que ele se aproximava da avenida central, onde sua família morava antes da evacuação.

O jovem soldado sentiu seu peito apertar à medida que caminhava, começou a lembrar das crianças que estavam na frente da escola quando ele e outros chegaram para escoltá-las de volta para suas casas e depois conduzi-las para os centros de controle biológico. Lembrou do cheiro dos pães frescos da padaria da esquina e uma estranha nostalgia o dominou.

Olhando para o céu, ele percebeu que as nuvens pesadas sobre a cidade e aquele vento gelado que atravessava o uniforme e cortava sua pele era o prenúncio de uma tempestade; a neve não tardaria cair. Desejou que no lugar da neve viesse à chuva; quem sabe a chuva caindo sobre ele não limparia a mancha que sentia trazer na alma.

Por hora, somente lembrava-se do rosto de cada pessoa que ele conduziu aos centros de controle, a desolação nos olhos deles, o medo quanto às intenções dos seus captores e a revolta de terem que deixar toda sua vida para trás.

Seria mais honesto se o governo contasse para as pessoas o que estava acontecendo ou o que iria acontecer. Pensava consigo. Elas entenderiam. Por que os governos em nome da segurança contam tantas mentiras? Omitem tantas verdades?

Ao apoiar esse governo ele sentia-se como um traidor, pois tudo que estavam fazendo parecia ir de encontro à idéia de liberdade; que embora uma invenção do intelecto humano, sempre foi difícil de ser compreendida.

Quando as cidades começaram a serem evacuadas e a população civil transportada para longe das zonas urbanas, foi criado um plano de contingência. As pessoas foram convencidas a abandonar todas as suas posses e buscarem a segurança dos centros de controle biológicos apenas com suas roupas do corpo.

De onde estava ele podia observar a movimentação de cães e gatos e considerava: a vida natural não parece ser tão complexa, afinal tudo segue uma ordem, seguem Leis inexoráveis, imutáveis e sobretudo baseadas na dinâmica do matar ou morrer; simplesmente nascer, crescer, se reproduzir e morrer.

No distante Mali, por exemplo, estava localizada a zona desmilitarizada mais importante. Nela, iriam ficar hospedados os líderes das nações mais ricas do planeta e estes, ao contrário da população civil levaram consigo tudo o que tinham.

Esses líderes esperavam nervosamente a ordem de embarque. Depois dessa convocação, eles teriam menos de 48 horas para deixarem o mundo que construíram para trás e literalmente abraçar seu destino na nova ordem mundial que iria nascer.

Em Washington, na sede da NSA, no gabinete do secretário de defesa norte americano o clima era de expectativa em todos os setores. Por medida de segurança, o secretário decidiu manter apenas parte do pessoal, incluindo somente alguns assessores diretos.

Uma misteriosa delegação era aguardada nas próximas horas, por isso todos os assessores

foram convocados e um reforço adicional na segurança fez parte do pacote de medidas. O secretário, como era de se esperar, não mediu esforços e recursos para o evento, era imprescindível que tudo estivesse do agrado dos visitantes.

Somente ele, o secretário de defesa, e o presidente sabiam quem eles eram e o que eles queriam, ou pelo menos pensavam que sabiam.

Ao meio dia em ponto, os alarmes dispararam por todo o prédio e as forças de segurança ativaram os protocolos de isolamento da agência. Os acessos aos escritórios foram imediatamente isolados, as escadas, os corredores, o telhado, os gramados, tudo cercado por homens fortemente armados.

Com os protocolos de segurança ativados o prédio é completamente evacuado em menos de



dois minutos e no mínimo três soldados Guardam cada ponto de acesso ao seu interior.

Os alarmes soavam quando um som ensurdecido, semelhante a um trovão cortou os ares e estremeceu a estrutura do prédio inteiro, levando alguns membros da equipe de segurança a correrem até as janelas.

Os guardas que estavam mais próximos das portas principais recuaram repentinamente quando, logo após o som, as portas e janelas foram arrancadas e o céu se iluminado por enormes esferas de luz. As esferas desciam lentamente em direção ao solo.

Todos pensaram se tratar de algum tipo de ataque até que cada uma das esferas de luz converteu-se em uma forma humana de quase dois metros de altura cada, assim que tocaram o chão. Não dava para identificar exatamente quem eles

eram pelo excesso de luz que produziam, mas pareciam ser humanos.

Os soldados quando se deram conta de que a agência seria invadida começaram a disparar desesperadamente nos visitantes, e nos primeiros minutos, foram ignorados por eles; porque inexplicavelmente suas armas não tinham efeito algum sobre seus corpos.

Ao mesmo tempo em que os soldados enfrentavam os visitantes do lado de fora, sons de explosões podiam ser ouvidos por todo o complexo. As forças de segurança foram empurradas pelos visitantes para o centro de operações, e cada combatente que ficava no caminho era violentamente derrubado por eles, jogado contra as paredes ou através das janelas.

Do corredor de acesso à sala do secretário de defesa os soldados que controlavam tudo que acontecia, por meios eletrônicos, iam vendo cada

metro do complexo ser ininterruptamente perdido para os recém-chegados.

Um som semelhante ao de um raio cortando o ar foi ouvido novamente, desta vez, dentro da sala do secretário.

O som ensurdecedor fez com que a equipe de segurança, que já estava em estado de alerta do lado de fora, invadissem o escritório.

Quando entraram se depararam com três indivíduos idênticos aos visitantes que eles combatiam por todo o prédio, de pé, no meio da sala e o secretário sentado a sua mesa.

O secretário ainda com o semblante assustado parecia ter percebido que a delegação estrangeira que ele estava esperando tinha chegado e três deles estavam ali de pé na sua frente. Ele não tinha se preparado para aquela situação, a gritaria, o enfrentamento, tudo tinha

saído do controle por um motivo simples; os visitantes não chegaram de forma usual, não bateram na porta, não se fizeram anunciar.

Com muita calma o secretário se pôs de pé e acenou para a equipe de segurança.

— Estão dispensados! Disse.

— Tem certeza que está tudo bem senhor? Perguntou um dos soldados.

— Sim, tenho certeza! Fechem a porta ao sair. Falou virando-se na tentativa de localizar sua cadeira.

Ele ajeitou-se na cadeira, pegou um cachimbo que estava na gaveta, acendeu, deu duas baforadas, assumiu uma postura de controle e dirigindo-se ao visitante que estava de pé bem na sua frente fez um sinal para que este também tomasse uma cadeira.

— No meu país. Disse o secretário. — É comum os convidados serem anunciados ou baterem nas portas antes de entrarem. Em tom desafiador.

O visitante ignorou o convite para sentar-se, olhou bem no fundo dos olhos do secretário e completou:

— Nós batemos. Não ouviu? Fez uma pequena pausa no discurso e continuou. — Penso que aqueles que ainda têm um país para chamar de seu, graças a nossos esforços, deveriam demonstrar um pouco mais de...gratidão. Não acha?

Enquanto caminhava pela sala o visitante seguia falando e estranhamente alisava todos os objetos que ia encontrando sobre as mesas e prateleiras.

Incomodado com a postura do convidado o secretário de defesa resolveu enfrentá-lo.

— Gratidão? Perguntou. — Somos aliados, a gratidão não deveria ser mútua?

Com quase dois metros de altura aquela figura inspirava medo. O visitante ignorava irritantemente as observações do secretário, moveu-se pela sala como quis até que parou diante de uma coleção de objetos antigos; os analisava um a um enquanto falava.

— Embora eu esteja muito contrariado com as últimas notícias que chegaram a mim, sobre a base no território da Austrália, senhor secretário,...

O secretário interrompeu. — Eu sei, não conseguimos fazer nada. Se ajeitando na cadeira, tentando manter uma postura firme.

O estranho continuou andando, até que se aproximou do secretário, pôs a mão sobre o ombro dele, se inclinou e disse-lhe ao pé do ouvido:

— Desculpas, desculpas, desculpas. Em tom sarcástico. — Não se preocupe, eu vou ajudar vocês a arrumarem essa bagunça, em nome da nossa aliança faremos ainda mais por você, e pelo seu povo.

— Não entendi. Aonde você quer chegar? Perguntou o secretário, agora curioso.

— Hahaha, você ainda não percebeu a grandiosidade do que esta acontecendo aqui, não é mesmo? — Vou explicar melhor. — Eu tenho uma oferta para vocês e em troca quero um pequeno presente, hum... como vocês dizem? Ah! Um mimo pela minha generosidade.

Não era nenhuma surpresa para o secretário aquele tipo de conversa, no entanto era

a primeira vez que o visitante deixava claro que não fazia favores e a relação dos dois estava baseada em interesses.

O secretário concluiu que era vantajoso fazer o jogo do convidado e ver até onde ele iria.

Quanto mais interesse demonstrasse pelo que o visitante falava, mais próximo estaria das suas reais intenções. — Me diga o que vocês têm para nós e veremos. Falou.

— Segundo nossos informantes, nas crio células da base australiana já estão em êxtase os principais inimigos do seu país.

O visitante deu uma respirada e continuou:

— Se fizermos um acordo aqui e agora, o meu povo pode desligar remotamente as crio células e as pessoas guardadas nelas não mais representarão uma ameaça para o seu povo; principalmente agora que vocês estão pensando no



novo mundo que irão construir depois da ascensão plena da minha espécie.

A proposta teve o efeito semelhante a uma marretada na mente do secretário de defesa. Embora ele fosse um homem de fé, íntegro, tivesse princípios, a possibilidade de em um apertar de botão eliminar de uma vez por todas, todos os inimigos do seu país era tentadora demais; seria um tipo de limpeza étnica jamais vista na história da humanidade.

O visitante parecia entender os conflitos éticos nos quais jogara o secretário e aproveitando que este parecia cogitar a possibilidade daquele extermínio em massa, considerou:

— Caso seu governo aceite nossa proposta, isso ficará somente entre nós. Nenhuma outra liderança do seu mundo saberá o que aconteceu de verdade naquela base, pois depois de uma criteriosa investigação, que nós

conduziremos, chegaremos à conclusão que as células de energia estavam defeituosas e simplesmente se esgotaram.

— Minha espécie tem uma vida muito longa senhor secretário, mas ainda não somos perfeitos.

— Então o que me diz? Falou o visitante tentando conter a ansiedade.

O secretário, embora demonstrasse estar desconfortável com a proposta, resolveu manter as aparências. Se os visitantes poderiam desligar remotamente as células e matar todos que estavam nelas a partir de um acordo feito ali no seu escritório; caso fosse do interesse deles também poderiam fazer a mesma proposta aos seus inimigos. Então, ele precisava ganhar tempo, precisava de mais informações, precisava continuar jogando, até decidir o que fazer.

— O que vocês vão querer em troca desse favorzinho. Perguntou o secretario ironicamente, demonstrando pouco interesse na proposta.

— Queremos a chave que vocês recuperaram ontem em Bruxelas, sabemos que está sob custódia do seu serviço secreto.

O secretário sabia que seria perigoso mentir para o visitante, mesmo porque eles já chegaram muito bem informados. Pegando um molho de chaves que estava no seu bolso, ele levantou, foi até um armário que estava próximo a porta e retirou da primeira gaveta uma pasta com fotos e documentos. Pegou uma das fotos que estavam anexadas aos documentos e suas devidas descrições, erguendo-a na direção do visitante e perguntou:

— Se é esse cubo que vocês querem nós não estamos com ele; a organização sabia da

nossa chegada e o moveram para outro local, mas já estamos perto de encontrá-lo novamente.

O visitante olhou sério para o secretário de defesa, caminhou pela sala até chegar a uma pequena mesa de aparência insignificante, tateou a parte inferior ao tampo até encontrar um botão e apertá-lo.

Quando o botão foi pressionado uma das estantes de livros começou a se deslocar lentamente para o lado revelando um conjunto de monitores que até então, estavam escondidos. O secretário ficou muito surpreso, balbuciou alguma coisa que não dava para ser compreendido, caso o visitante tivesse o interesse de entender. Ele ficou tão surpreso pela audácia do visitante que quase deixou cair o cachimbo que trazia preso nos lábios.

Em um dos monitores havia um jovem de pouco mais de 17 anos que parecia preso a uma mesa por algemas. Aparentemente era uma sala

de interrogatório, pequena, com poucos móveis e suas paredes todas pintada de branco.

O aspecto do rapaz era deprimente, a roupa suja e rota, os cabelos longos desgrehados, olheiras muito profundas e a barba por fazer lembrava em tudo um morador de rua.

O visitante virou-se para o secretário, olhou em seguida para o monitor que mostrava o jovem algemado a mesa e falou:

— Não estamos interessados no cubo, ele não é a chave que procuramos. Com um sorriso no canto da boca, o visitante apontou para o jovem disse: ele que é!

Na pequena sala como se pressentisse o que se desenrolava no lado de fora da sua prisão o jovem ergue a cabeça olha diretamente para a câmara e acena.

Enquanto isso no Camboja, um barquinho vietnamita navegava lentamente pelo Rio Tonle Sap, o motor posto para trabalhar o mais lento possível quase não fazia barulho ao deslizar pelas águas tranquilas do rio.

De pé na proa dois jovens observavam a imensidão daquelas florestas, as casas sobre palafitas que iam passando lentamente próximo ao barco, as aves que voavam baixo, mergulhavam e voltavam à superfície com seus prêmios escamosos.

Kimberly e Chris mesmo cansados conseguiam se admirar com o milagre da vida que se exibia ao seu redor. As monções enchiam de vida aquelas florestas há séculos, cuja diversidade de formas e cores os encantava.

Os dois estavam já há alguns minutos simplesmente parados apreciando a paisagem quando Kimberly sentiu uma mãozinha tocar

levemente sua perna. O toque suave arrancou-a de suas lembranças e a saudade que sentia de casa e de sua família.

Kimberly se virou e viu uma menina de mais ou menos oito anos com uma garrafa de suco na mão e um sanduíche de frango na outra. Depois de dias andando na floresta os dois sozinhos e assustados, ver uma criança sorrindo era um verdadeiro presente, algo que não podia de forma alguma ser ignorado.

A menina foi quem começou a prostrar.

— Você pode abrir pra mim? Perguntou dirigindo-se a Kimberly enquanto estendia a garrafa na direção dela.

— Claro ! Ela respondeu pegando a garrafa.

— Ufa, estou morrendo de sede; quer um pedaço de sanduíche? Perguntou estendendo a mão e se dirigindo aos dois.

— Não obrigado. Os dois responderam ao mesmo tempo.

Os três começaram a rir da situação, quando um homem muito corpulento com uma vara de pescar passou por eles e os empurrou contra a parede do barco e se posicionou na proa onde antes eles estavam.

Os três começaram a protestar, mas foi Chris quem tomou a iniciativa de cobrar bons modos do sujeito. Kimberly percebeu que as coisas tinham esquentado rápido e se não fizesse algo, tudo poderia ficar bem pior.

Segurando a mão de Chris ela sorriu para ele de um jeito que só ela sabia fazer, aquele



sorriso que desarma o cérebro e incendeia o coração.

— Ele não vale a pena...esquece vai! Disse ela docemente enquanto puxava o namorado para junto de si.

A menina que estava atrás de Kimberly viu um objeto no chão que parecia um apetrecho de pesca, colocou o sanduíche na boca, abaixou-se e o pegou. Inesperadamente uma voz grave fez-se ouvir no convés, era o sujeito corpulento que esbravejava como um animal enfurecido.

— Larga isso aí sua ladrazinha!

Como que atingido por um raio Chris deu um salto e partiu na direção dele. Antes que Chris pudesse alcançar o abusado, a menina com muita agilidade se posicionou entre os dois, ficando de costas para o que continuava gritando como um louco. Sem olhar para trás a menina, com a mão

espalmada no peito de Chris, esticou o outro braço e entregou para sujeito o apetrecho que ela encontrou no chão e repetiu o gesto de Kimberly.

Abriu um lindo sorriso para Chris e falou imitando o tom de voz usado pela namorada dele minutos antes:

— Ele não vale a pena...é um inútil, esquece vai !

Os três começaram a rir e resolveram se afastar do encenqueiro, que continuava resmungando no convés.

Passado o incidente com o estranho, os três ficaram horas conversando, a menina parecia ser muito inteligente e sagaz para alguém com tão pouca idade. Ela falava sobre o céu, a terra, o ar com tanta propriedade que os dois jovens esqueceram completamente todos os problemas

que tiveram até ali. Ela falava a língua deles, a língua da ciência, o idioma da lógica.

Em um dado momento, os três estavam acompanhando um bando de macacos-de-calda-comprida cruzar o rio nas copas das imensas árvores e para sua surpresa, viram quando um filhote caiu das costas da sua mãe e mergulhou no rio. A mãe desesperada gritava nos galhos altos sem saber ao certo o que fazer para resgatar seu bebê.

Sem nenhum aviso prévio, um grande crocodilo surgiu das profundezas do rio e com apenas um movimento agarrou o pequeno símio, levando-o para seu reino sob as águas.

Kimberly muito impressionada com a aparente violência do acontecido tentou transformar em palavras o que lhe ia à mente, no que foi interrompida pela menina que a observava atentamente.

— Não, não senhorita, você está completamente errada. — Lembrem-se vocês dois desse momento e do que eu vou lhes dizer.

— É que...tadinho...o crocodilo...ai ai. Balbuciou Kimberly.

— A vida, não é justa ou injusta, ela é como é. Disse a menina com ar sério para Kimberly, o universo não é lugar para os fracos fisicamente, nem fracos de mente, nem fracos de coração. Na verdade não há lugar para os fracos na criação! Primeiramente, o pequenino não deveria nunca ter caído na água, ele era um fraco e o crocodilo foi à recompensa que ele recebeu pela sua fraqueza.

Chris extremamente impressionado com aquelas palavras tão cruéis e ao mesmo tempo tão lógicas, não se conteve e perguntou:

— Quem é você? De onde você tira essas coisas?

— Ninguém. Disse ela. Eu não sou ninguém. Encerrou secamente.

Sem que os dois pudessem dizer mais nada a menina retirou do bolso um artefato. Parecia um medalhão antigo preso a uma corrente feita do mesmo material. Ela segurou gentilmente a mão de Kimberly e colocou nela o pequeno objeto.

— Guarda pra mim? Falou com delicadeza característica das crianças, vou ao banheiro.

— Claro. Respondeu Kimberly.

— Por algum motivo que não sabia explicar Chris ficou fascinado pelo artefato, pelas pedras incrustadas nele, pela cor do que parecia ser um tipo de metal fundido.

Enquanto Kimberly examinava o pequeno objeto ele ficava ali olhando, como se estivesse hipnotizado. Ele até desejou tocá-lo, mas achou que não devia e ficou quieto, apenas observando.

Os dois passaram o resto do dia procurando pela menina sem resultados. Perguntaram às poucas pessoas presentes na embarcação, menos ao homem grosseiro e corpulento, e não obtiveram nenhuma resposta. Ninguém se lembrava da menina, inclusive o capitão, que não sabia dizer se tinha ou não deixado uma criança entrar no barco.

Quando à noite finalmente caiu os dois estavam exaustos e foram para as redes da área comum tentar dormir, antes, deram uma boa olhada em volta na esperança de ver a menina deitada em uma delas. Todas as redes estavam ocupadas menos à rede do tal sujeito mal educado, ele continuava lá na proa com suas iscas, anzóis e

sua garrafa de tequila. Melhor assim; pensaram os dois.

Por volta das 23 horas o capitão fez a última ronda e viu que o encenqueiro ainda estava lá pescando e bebendo na proa do barco, concluiu que seria melhor deixá-lo em paz, para que todos pudessem dormir, ele poderia começar a criar caso e acordar todos os outros passageiros.

Depois de verificar que estava tudo em ordem o capitão se recolheu também, sua cabine era bem próxima a sala de comando.

O sujeito sozinho na proa levou a garrafa de tequila até a boca, várias vezes, antes de perceber que ela já estava vazia. Ergueu-a contra a luz da lua para se certificar e ficou muito contrariado, arremessando-a violentamente contra uma árvore as margens do rio. Sim, já tinha bebido todo o conteúdo precioso.

Quando estava se curvando para procurar outra garrafa no meio de sua tralha, tomou um susto com um vulto que surgiu às suas costas e virou-se rapidamente.

Era ela, a garotinha que ele insultara pela manhã.

Um sorriso largo e bêbado foi exibido naquele rosto embrutecido e de olhar selvagem do sujeito. De pé em frente a ele estava à menina do sanduíche de carne de frango. Ela com os braços para trás e as pernas levemente arcadas sorria de volta para ele, mas de um jeito sinistro.

Milhões de coisas passaram pela cabeça doente do sujeito. Ele sorriu ao pensar que se quisesse poderia partir o pescoço dela com muita facilidade. Ele olhou para um lado e para o outro até se certificar que não havia ninguém acordado, e perguntou.



— Tá procurando problemas diabinha preta? Tá querendo o quê comigo?

Ainda sorrindo para ele, ela disse.

— Sabe. Ela fez uma pausa e continuou. — Hoje pela manhã eu não fui totalmente sincera quando disse que você era um inútil.

— Ora, ora alguém esta reconhecendo meu valor, veio me pedir desculpas é? Falou o sujeito com sarcasmo.

Quando se ergueu, ele deu uma sacudida no corpo numa tentativa de levantar as calças que estavam caindo. Tão logo ele se aprumou e pôs-se ereto, a menina em um movimento extremamente rápido estendeu o braço e tocou o centro do peito dele com seu dedo indicador.

As costelas se contraíram instantaneamente provocando uma dor alucinante. Uma corrente, semelhante a um pulso elétrico

percorreu toda sua coluna vertebral paralisando-o. Impossibilitando-o de gritar.

Com o choque inesperado ele se pôs rígido como uma pedra e não conseguiu produzir nem um único som, apenas arregalou os olhos assustados.

Ela continuou sorrindo para ele, se aproximou um pouco mais, até que sentiu o cheiro forte de bebida que exalava do corpo dele e ele pode sentir um perfume encantador que exalava do corpo dela. Ele nunca tinha sentido um cheiro tão maravilhoso, tão sedutor, tão quente. Tão vibrante que sua cabeça começou a rodar. Mal sabia ele que aquele era o cheiro da morte, da sua pelo menos.

— Eu sei o que você deve estar pensando. Disse ela sorrindo.

— O que ela fez comigo? Preciso pedir ajuda..... Por que isto está acontecendo? Não é

verdade isso....é a bebida, só pode ser a bebida.  
Estou sonhando, só pode ser....

Ela fez uma pausa, olhou para o sujeito que tentava desesperadamente se mover e continuou.

— Suas perguntas ficarão todas sem respostas. Não, na verdade duas eu vou responder. Primeiro ninguém pode te ajudar e segundo ninguém viria te ajudar.

O sujeito deu um gemido abafado, como se entendesse que ela estava pretendendo fazer algo terrível com ele.

Ela continuou:

— Sinta-se honrado porque você foi escolhido para ser meu, sua existência medíocre finalmente vai ter um propósito!

Dizendo isso ela saltou sobre o sujeito na altura do peito jogando-o no chão com violência, totalmente indefeso.

Com ele deitado e imóvel ela segurou-lhe a cabeça com força e começou a envolvê-lo no que parecia ser uma massa escura e muito densa, pequenas manchas luminescentes se desprenderam do corpo dele e foram imediatamente absorvidas pela pele dela, até que ele tivesse sido completamente consumido.

No final do ataque, seu corpo, como uma casca vazia, foi colocado para repousar no fundo do rio, alimentando, com o que restou dele, outras formas de vida.

Em uma das redes uma senhora sonolenta ouviu quando o corpo dele bateu contra a madeira fria do convés, mas achou que estivesse sonhando ou ele, caído de bêbado.

O silêncio já reinava absoluto quando o encenqueiro foi levado pelo rio e os outros passageiros do pequeno barco nunca mais ouviriam falar dele.

No dia seguinte, estranhamente, nenhum dos passageiros, nem mesmo o capitão sentiu falta do sujeito, quando aportaram em um entreposto na cidade de Phnom Penh.

Quando o barco chegou à cidade encontrou uma cidade fantasma. As ruas estavam cheias de lixo e os animais espalhados por todos os lados; Chris jurou ter visto um leopardo cruzando a avenida central da cidade escondendo-se em umas das casas cuja janela estava quebrada.

Agora já sabiam o que estava acontecendo ao redor do mundo e em suas cabeças pensavam nos seus pais e amigos que ficaram para trás e no oceano imenso que os separavam.

Os dois perceberam que era confuso demais tentar acompanhar tudo pelos rádios, que ainda funcionavam ou outros meios de comunicação. Apenas uma coisa estava clara, a maioria da população tinha sido levada para os centros de tratamento.

Os dois não faziam a menor idéia de como iriam chegar em casa. Uma vez lá como fariam para não serem levados para os centros de controle biológico, como todo mundo?

Tentaram obter alguma notícia nas TVs locais e sentiram a mesma sensação. Todos os canais estavam em tela azul e neles havia uma mensagem convidando a população a comparecer nos centros de controle biológico o mais rápido possível, sob o risco de morte por um tipo desconhecido de contágio.

Os dois resolveram sair e buscar um posto policial que, segundo o mapa, ficava nas

proximidades e constataram que a desolação por lá era a mesma, ninguém para recebê-los ou dar qualquer informação.

Chris parecia entender o que se passava no coração de sua namorada. O jovem rapaz abraçou-a tentando transmitir confiança, tentando acalmá-la.

Kimberly tentando pôr os pensamentos em ordem foi até uma geladeira em um dos cantos da sala e pegou algumas bebidas e comidas enlatadas que estavam guardadas. Ela fez sinal para Chris que acenou concordando que era uma boa hora para uma refeição.

Os dois sentaram-se a mesa e comeram até ficarem satisfeitos. Kimberly beijou demoradamente seu namorado. Passaram por tanta coisa nesses últimos dias que, as demonstrações de afeto acabaram ficando em segundo plano.

Agora estavam seguros, alimentados e tinham um pouco de tempo um para o outro. Nesse momento Chris sentou-se do lado de sua Kim e acariciou seus cabelos e lembrou-a de como ela era linda; ele amava os seus cabelos, seus olhos, sua boca, seu jeito de ser; não conseguia imaginar sua vida sem ela.

Kimberly com a mão aberta em formato de concha admirava a pequena jóia que a menina lhe dera para guardar. Ela se perguntava o que teria acontecido com a menina. Chris, se levantando, afastou-se da janela onde o sol forte já o incomodava.

— Kim venha sentar aqui comigo, já estou desidratado o suficiente, não quero ficar aí nesse sol. Disse isso buscando uma pequena poltrona no canto da sala, depois continuou. O sol estava me matando...



Enquanto Chris ia fazendo carinho em Kimberly, ela admirava o objeto que tinha nas mãos. Enquanto admirava pensava em sua casa, na vizinhança tranqüila, nos piqueniques na pracinha do lado de sua casa.

— Você reconhece esse tipo de arte Kim?  
Chris perguntou curioso.

— Não, e você?

— Também não.

— Engraçado, as pedras nele não parecem coladas.

— Elas são meio soltas, percebeu?  
Observou Chris, enquanto tocava levemente as pedras que se encontravam nas extremidades.

— Me empresta seu alicate vou apertar para evitar que uma delas caia. Vai que a gente acabe encontrando novamente a garotinha, não

quero que esteja faltando nenhuma dessas pedrinhas.

Embora Kim estivesse tentando “concertar” a jóia, sua mente não conseguia se desviar das lembranças de casa. A saudade e a preocupação com a família só aumentava, e ela desejava desesperadamente voltar para casa, pois temia, que dadas às circunstâncias os dois terminassem morrendo naquela terra estrangeira, longe de todos que amavam.

Ao tentar fixar as pedras que se encontravam nas extremidades do artefato, Kimberly inadvertidamente pressionou duas delas ao mesmo tempo. Imediatamente os dois ouviram um som semelhante a uma folha de papel sendo rasgada. A sombra na qual eles estavam mudou de forma e tornou-se uma coisa gelatinosa e maleável, um suave perfume almiscarado fez-se sentir no

ambiente e em questão de segundos a sombra envolveu os dois e o sofá.

Quando o sofá começou a mergulhar na sua própria sombra e foi engolido, Chris ainda tentou se levantar e empurrar sua namorada para longe, mas o sofá se inclinou para trás, derrubando-os no encosto, não dando aos dois nenhuma chance de fuga.

Tudo que restou aos jovens foi gritar. Os dois gritaram com tanta força que Kimberly pensou que seu namorado estivesse morrendo e vice versa. Mergulharam na escuridão e uma vez lá não havia nada que pudessem fazer. Parecia que estavam em queda livre na horizontal, uma Viagem alucinante.

O vento que batia no rosto deles os ajudou a perceber que o sofá não estava parado, movia-se no escuro como se estivesse em uma montanha russa de vento. Os dois tentaram manterem-se

calmos e se abraçaram mais forte ainda, na tentativa de se protegerem mutuamente.

Eles sentiram no escuro uma mão tocá-los rapidamente. Kimberly por pouco não soltou um grito. Depois outra mão, outra, outra e mais outras. Durante a Viagem no sofá eles sentiam que centenas de pessoas estavam lá, no escuro e tocavam neles, falavam com eles. Na verdade era algo mais semelhante a um sussurro do que uma fala propriamente dita.

As vozes no escuro estavam curiosas. Quem são vocês? De onde vocês vêm? O que estão fazendo aqui?

Chris teve a nítida impressão que uma delas, mais ousada que as outras, segurou-lhe o braço e perguntou.

— Você é comida?

Antes que o jovem indiano pudesse pensar em responder a criatura o soltou, e os dois estavam finalmente na rua de casa, ainda sentados no sofá, à sombra de um grande pessegueiro selvagem.

Kimberly deu um salto e gritou de alegria.

— Me belisca Chris, porque eu devo estar sonhando! Ela falou escancarando um belo sorriso e ele reagiu.

— Se você estiver sonhando Kim, eu estou no seu sonho....

Enquanto eles tentavam entender como foram parar em casa em questão de segundos, se é que estavam mesmo em casa, Chris olhava em volta para ver se tudo estava onde deveria estar. Depois de ter feito sua verificação de segurança ele se virou para falar com Kimberly e ela não estava mais lá.

Ele virou-se em torno de si muito assustado e começou a gritar por ela. Do outro lado do lago Chris escutou Kimberly gritando seu nome e acenando para ele. Como ela fez isso? Ela estava aqui há um segundo, como chegou lá tão rápido? Pensou ele.

Kimberly estava muito feliz quando se aproximou do namorado. Ela segurava o artefato entre os dedos. Ela mal se continha de tanto contentamento.

— Chris. Disse ela. Não fala nada. Eu não sei o que é isso, mas eu já sei como funciona.

— O quê? Ele perguntou meio incrédulo.

— Me dá sua mão aqui. Agora pensa na sala da sua casa, na casa dos seus pais...lembra quando a gente ficava lá vendo TV? Então, lembra disso... até que sinta seu coração acelerar e uma emoção muito forte invadir o seu peito.

Chris fez exatamente o que ela disse e de repente viu o sol se apagar e tudo ficar escuro a sua volta. Quando a luz retornou, os dois estavam de pé na sala da casa dos pais dele.

— Viu? Isso serve para viajar, viajar na sombra das coisas. Com ele cada sombra a nossa volta é uma porta que nos leva aonde a gente quiser ir...

— Wow! Exclamou ele. — Podemos ir pra qualquer lugar que a gente quiser! Imagine que coisa legal!!

Chris mal tinha terminado de pronunciar a frase e uma voz grave fez-se ouvir por trás dele.

— Não se eu puder impedir. Entreguem-me o artefato. Disse um homem imenso que estava sentado bem à frente deles.

Os dois tomaram um grande susto, pois não tinham percebido a estranha figura na sala até

aquele momento, com uma gema de brilho azul presa na testa, ali sentado antes. Kimberly tomou a iniciativa, segurou a mão de Chris e ameaçou correr.

O gigante que estava sentado se ergueu imediatamente, e eis que na porta surgiu outro, depois, outro igual ao primeiro, outro na janela, outro na escada de acesso ao porão, no corredor para os quartos, outros.

Eles estavam por toda a casa, e eram grandes, aparentemente fortes, e iguais; irritantemente iguais.

Instintivamente Kimberly fez algo inesperado. Abraçou o namorado e se jogou com ele contra a parede mais próxima, onde a estante de livros projetava uma pequena sombra. Em segundos os dois desapareceram por ela deixando os invasores para trás.



Os estranhos ainda surpresos pela reação e a fuga audaciosa da dupla, ficaram ali de pé olhando para a sombra na parede, pois não havia mais nada a fazer. Eles sabiam que não podiam segui-los nas sombras então, resolveram se retirar da casa.

## Capítulo Oito

### In Principio Omnia

Não é difícil imaginar o quão aterrador tem sido as noites nas grandes cidades nesses últimos dias. Para os que resistiram ao processo de desocupação e de alguma maneira conseguiram permanecer escondidos, a desolação na qual as cidades estavam mergulhadas, durante o dia já alterava a percepções das pessoas sobre a realidade, quando a noite chegava isso se intensificava.

Notícias de desaparecimentos depois do pôr do sol eram ouvidas o tempo todo.

No mundo escuro, Iar dos Únus, Edgar seguia conversando com a voz. No escuro, ele não sofria os efeitos indesejáveis de estar por tanto tempo privado da luz, talvez devido a sua cegueira.

O fato é que desde sua entrada no mundo dos Únus, seis dias já tinham se passado.

Ele prosseguia conversando curiosamente com aquela que se apresentava vez ou outra como alguém que o mataria se fosse necessário.

Enquanto a criatura falava, ele ia se dando conta da grandeza do momento que estava vivendo, do conhecimento que ia adquirindo. Ele sentia que sua visão de mundo e de universo crescer. Em sua mente, se morresse agora ali mesmo estaria feliz, pois teria tido uma experiência rara para alguém como ele.

A prova de que outros mundos habitados existiam estava ali do seu lado, falando com ele. Não era em Marte, não era na Lua, era um lugar ali mesmo no seu mundo, um emaranhado de conceitos que ele nunca tinha escutado.

A criatura contou que vários mundos coexistem e que estão organizados em camadas no tecido do espaço. Ela explicou que entre as camadas há uma película constituída por padrões vibratórios que estabelecem as fronteiras entre cada um deles. Segundo o que os Únus aprenderam, sua espécie evoluiu para viajar de um mundo à outro, rompendo esse tecido do espaço alterando sua vibração natural.

As histórias sobre seres fantásticos, os quais as crianças sempre foram ensinadas a temer eram verdadeiras enfim, não apenas histórias ou mitos. Na Idade Média, por conta da crescente influência da religião, uma centena de encontros com os Únus foram mal interpretados ou interpretados como presságios do fim do mundo.

A criatura ali diante dele e todos os outros que ele podia sentir. Por algum motivo que ele não conseguia explicar, não lhe guardavam segredos.

Essa estranha conexão com eles não fazia muito sentido para Edgar, até aquele momento, mas era extremamente prazerosa.

As investidas das criaturas contra ele no escuro pararam repentinamente, agora nenhuma delas lhe tocava mais, o que aumentou a sensação de bem estar relaxando-o até que sons do que pareciam ser tiros começaram a serem ouvidos; eram tiros mesmo e vinham de todos os lados.

Por alguns segundos ele pensou que os tiros estivessem sendo disparados no mundo onde estava; o mundo escuro. Depois dos tiros, Edgar também começou a ouvir vários sons de gritos e ele sentiu corpos caindo ao seu lado.

Devido a sua conexão com aquelas criaturas e aquele lugar, ele pôde entender o que estava acontecendo quase que imediatamente; alguém estava atirando e jogando bombas através da passagem aberta na sombra do poste. Em meio

à confusão que se formou, quando as primeiras bombas explodiram, umas das criaturas que viviam naquele mundo de trevas esbarrou contra seu corpo arremessando-o para trás.

Instintivamente ele tentou se segurar no que estivesse mais próximo, para evitar a queda.

Quando sentiu uma súbita onda de calor tocar sua pele, Edgar percebeu que tinha sido acidentalmente jogado para fora do mundo onde estava e para sua surpresa, arrastou com ele uma das criaturas da noite.

Tal foi sua perplexidade, ao perceber que o pequeno e delicado braço, no qual estava agarrado, duplicara de tamanho, tão logo foi tocado pela luz do sol, que seu coração chegou a doer. O susto foi tão grande que ele automaticamente abriu a mão e impulsionou seu próprio corpo para trás.

Os tiros que tinham parado por alguns segundos, recomeçaram com mais intensidade e mesmo sendo cego, Edgar já fazia uma idéia em qual direção atiravam.

A criatura que conversava com ele no escuro, minutos atrás, e que sob a luz do sol, revelou-se algo que encheu de medo os corações dos atiradores, deveria ser o alvo. Um dos atiradores deu a pista que ele precisava.

— Atirem no monstro! Mirem no monstro! Alguém gritou desesperadamente. — Atirem! Atirem!

Edgar estava confuso; como assim monstro? Por que querem matar algo que não sabem o que é ou quem é?

Ele tentava organizar as informações que recebia dos outros sentidos, pois agora sua falta de

visão era um problema. Edgar resolveu deitar-se no chão para manter-se o mais seguro possível.

Depois do som de explosões bem próximas, ele pôde ouvir gritos de dor, sentia quando corpos e equipamentos eram atirados em todas as direções. Mesmo não estando no centro da luta, Edgar podia ouvir o som claro de ossos sendo partidos, misturados ao som do caos, e vez ou outra alguém caía próximo a ele, sem vida.

Aos poucos o silêncio começou a retornar e Edgar percebeu que havia alguém caído ao seu lado. Resolveu se certificar de quem era o corpo aos seus pés. Pensou na criatura que conhecera e sentiu uma imensa compaixão ao imaginá-la morta.

Existir era tudo que ela parecia querer, e por algum motivo isso lhe tinha sido negado agora. Lembrou-se dos minutos que antecederam a chegada dos atiradores, que não se preocuparam com as crianças que estavam lá no escuro; sim, ele



tinha percebido que entre aqueles seres existiam crianças também e algumas delas podem ter sido atingidas pelos tiros ou pelas bombas que eles jogaram através da passagem.

Quando se aproximou do corpo no chão, ele percebeu pelo traje que este usava que parecia ser um soldado, e ainda estava vivo. O soldado respirava com dificuldade, puxou-o lentamente para baixo e lhe disse ao pé do ouvido.

— Não deixe que ele volte para o mundo dele, destrua o poste. Disse o soldado moribundo.

Em seguida o soldado passou para as mãos de Edgar um tipo diferente de granada com um temporizador sonoro na base. Enquanto ouvia o som do temporizador ir aumentando seu ritmo ele pensava no que deveria fazer.

Ele estava em dúvida. O soldado devia ter uma razão para fechar a passagem; mas qual seria? Perguntou-se.

Lembrou-se da conversa com as criaturas da noite e sabia que elas se alimentavam de pessoas usando essas passagens para entrar e sair do mundo dos homens. Agora ele também já sabia que do mundo de onde elas vinham não havia nenhuma alternativa.

Deveria ou não destruir a passagem? Era certo ou errado? Edgar esteve ligado mentalmente com elas e as entendia.

Enquanto pensava no que fazer, ele não percebeu que alguém lentamente se aproximou dele. Uma mão gelatinosa quatro vezes maior que a sua segurou-o pelo pulso:

— Não faça isso, por favor, Edgar! Disse a criatura dona da mão, uma voz que parecia milhões falando ao mesmo tempo.

— Mas eu não tenho escolha. Retrucou ele, quase sussurrando. — Vocês não podem passar para o nosso mundo...assim...a hora que bem entendem.

A criatura fez uma pausa e continuou.

— Sim, você tem escolha. Por favor, me entregue o explosivo, e eu lhe provarei que cada criatura no universo, mesmo cativa de imperativos biológicos ou físicos como nós, é dona do seu próprio destino, desde que tenha consciência do seu propósito de existir.

Depois de pensar um pouco, Edgar se deixou convencer e entregou a granada para o visitante. A criatura, primeiro desarmou o dispositivo e depois buscou um lugar onde à luz do

sol não estivesse incidindo e foi lentamente mudando sua forma para algo mais próximo do que Edgar conhecia e se dirigiu a ele.

— Sente-se aqui Edgar, eu vou lhe contar tudo o que você precisa saber sobre nós, para que possa sobreviver ao que está por vir e possa escolher um lado.

— Um lado? Perguntou Edgar.

— Sim, uma guerra está se aproximando e mais cedo ou mais tarde todos os que serão afetados por ela terão que decidir primeiro, pelo que lutar e depois de que lado lutar, e eu vou te ajudar a escolher. Eu estou do lado certo.

Estando mais tranqüilo e protegido da luz do sol, o viajante da escuridão começou a falar:

— Sabe.... nós somos um povo muito antigo Edgar, tão antigo quanto as estrelas que

você veria no céu à noite se não fosse cego. Bom, estrela é um conceito difícil de te explicar.

Nós nos desenvolvemos para se comunicar usando um tipo de conexão neural, uns com os outros, que nos permite uma comunicação muito mais eficiente que o sistema que o seu povo usa.

Nossa comunicação é quase totalmente baseada na transmissão de sentimentos e emoções entre nós. Fazemos isso diretamente de um indivíduo ao outro.

Os que usam esse nosso sistema de forma mais eficiente conseguem que essas emoções e sentimentos viajem no tecido do espaço, e dessa forma nossas intenções, desejos, anseios, medos, acabam sendo compartilhadas por todos, esteja onde estiver no nosso mundo ou fora dele.

Durante milênios nosso modo de vida pouco mudou, a maneira como fazíamos o que

fazíamos nos parecia certa e natural, não havendo por séculos a necessidade de mudanças nas estruturas da nossa sociedade.

Enquanto a criatura falava Edgar ficava cada vez mais curioso e de tempos em tempos interrompia para perguntar algo, pois desejava saber mais, muito mais.

— Me conta. Disse, dando uma pausa enquanto tateava buscando encontrar a mão do interlocutor. — Quem criou vocês? Vocês já ouviram falar algo sobre terem sido criados por alguém?

— Bem, isso eu não tenho como te dizer, pois tudo que eu sei é que nossos ancestrais desenvolveram naturalmente essa capacidade de alterar a vibração do tecido do espaço e assim transitarem entre os mundos, eles foram impulsionados pela necessidade de encontrar

respostas sobre nossa existência e a existência de todo o universo.

Talvez até encontrar um criador, como você mesmo disse; exatamente como vocês fazem, pois nós também somos exploradores.

Nesse momento a criatura muito à vontade, pegou um pedaço de graveto que estava no chão, colocou a mão de Edgar sobre a sua e começou a desenhar na poeira que estava acumulada no passeio e continuou. À medida que ela desenhava, as imagens iam se formando na mente de Edgar.

— Há milhares de anos, nosso mundo nos oferecia tudo que precisávamos para sobreviver. Não sabemos exatamente quando nem como, mas alguns viajantes desenvolveram uma estranha moléstia que os impedia de absorver os nutrientes da atmosfera do nosso mundo.

Como parte da nossa comunicação baseia-se no contato físico, a moléstia se espalhou incrivelmente rápido entre os meus. Milhares do meu povo simplesmente agonizaram e a dor que antecedia a morte foi compartilhada por todos, “todos” sofreram como “um”. Foi uma época muito triste Edgar; uma época da qual nós não gostamos de lembrar.

A criatura continuou. — Sete ordens foram criadas em meio aquele caos. O objetivo era buscar em outros mundos uma solução para o nosso problema. Das primeiras ordens que partiram poucos retornaram dos mundos visitados com algum tipo de alento para nosso sofrimento, alguns nunca retornaram e a extinção da minha espécie parecia iminente.

— Agora, imagine algo parecido com um desses campos de futebol que vocês têm por aqui. Imagine meu povo se juntando no centro para



morrer, se tocando e compartilhando suas últimas impressões do mundo e da vida; algo como uma despedida.

— Você está entendendo? Agora triplique isso! Nosso sofrimento era...inexplicável.

Edgar estava emocionado. Ele conseguia imaginar perfeitamente o tamanho do sofrimento deles e o medo que deviam estar sentindo naquela hora. Ele entendeu que até aquele momento da história deles, aquelas criaturas achavam que eram imortais e de uma hora para outra a morte sem cerimônia entra em suas vidas.

Ele sentiu vontade de fazer um monte de perguntas, no entanto, optou por um respeitoso silêncio, até que a própria criatura voltou a falar.

— Pela forma como você se moveu agora, pela sua linguagem corporal, eu presumo que você entende tudo o que eu digo, mas em resposta as

perguntas que você tem em mente e não fez, eu vou lhe contar mais.

— Um fato alterou a nossa sorte repentinamente e fez com que o destino do meu povo se vinculasse ao destino dos homens de uma maneira inexorável. Quando o fim já parecia bater a nossa porta e não nos restava nenhuma esperança de salvação, nós sentimos quando a vibração no tecido do espaço deu sinal de que sua estrutura estava sendo alterada.

Com uma riqueza de detalhes impressionante, o ser da noite foi contando o período mais triste da história do seu povo, até o momento em que um som característico foi ouvido e uma passagem se abriu.

Uma passagem no meio da multidão faminta, dela saiu um ser humano adulto em luta corporal com um de nós, um membro de uma das

nossas sete ordens, que até então não tinha retornado.

— Era a primeira vez que a maioria de nós percebia um humano adulto. Disse a criatura. — Que dirá travando uma luta física com um de nós. Um grande círculo se formou rapidamente entorno dos dois, todos queriam entender a situação totalmente nova. Antes que pudéssemos nos dar conta do que estava acontecendo, outro humano de menor tamanho, uma criança da sua espécie, também caiu pela passagem para o nosso mundo em luta corporal com outro humano adulto. Os quatro, rolando no chão, não davam sinais de que iam desistir da luta, até que o humano adulto que lutava com a criança, um menino, conseguiu se soltar de suas mãos pequenas. O humano adulto o agarrou pelas enormes correntes que trazia presa nos pés e na coleira de metal. Segurando firme a corrente, ele girou o corpo do pequeno preso a elas e o arremessou contra o chão com tanta violência

que este não conseguiu produzir nenhum som ao bater contra o solo, parou de respirar e mover-se instantaneamente.

A criatura fez uma pequena pausa, tentando buscar na memória mais detalhes do ocorrido. À medida que a história era contada Edgar ia se emocionando, pois a impressão que ele tinha era que o fato estava acontecendo ali na sua frente, naquele momento; tamanha a riqueza de detalhes.

Então, a criatura continuou.

— No escuro, tão logo o humano conseguiu matar o pequenino, ele esticou as duas mãos na frente do corpo tentando entender onde estava; em busca de uma saída talvez. Não se sabe ao certo como, mas ele percebeu a luta que se desenrolava bem a sua frente e tomou partido dela segurando nosso irmão por trás. Estrangulando-o.

Nesse momento, uma de nossas fêmeas juntou todas as suas forças e partiu em defesa do nosso irmão, pois estávamos todos sentindo as dores que o estrangulamento provocava nele; estávamos todos conectados com ele. Quando ela tocou o humano, ele deu um grito e seus membros superiores paralisaram imediatamente. Ela sentiu que alguma coisa saiu do corpo dele e passou para o corpo dela, provocando um estado de euforia não apenas nela, bem como em todos com os quais ela estava conectada. A criatura fez mais uma pausa e continuou:

— A fome e a estafa que ela sentia até aquele momento desapareceu por completo e ela sentiu-se revigorada. Em questão de segundos todos sentiram um desejo quase incontrolável de tocar o humano. As feições dele eram a de uma dor inimaginável, pois aos poucos todo o seu corpo se pôs rígido como uma pedra.

Edgar, fortemente impressionado tentava se colocar no lugar dos Únus e sua luta para se manterem vivos em um mundo mutante como aquele.

— Como resistir à vontade de tocá-lo se nele parecia estar o bálsamo para todas as nossas dores? Disse a criatura. — Em segundos, ele foi arrastado pela multidão faminta, todos queriam sentir-se bem novamente, desejavam tocá-lo e absorver uma parte da cura que estava no seu corpo. Os momentos seguintes vividos pelo humano desafortunado não podem ser traduzidos em palavras; pois era como se todos tivessem sido tomados por um tipo de loucura, um tipo de insanidade coletiva. Quando o corpo do primeiro humano ficou completamente vazio, a multidão se lançou sobre o segundo humano que assustado foi pego também tateando no escuro, tentando encontrar a passagem que o levou ao nosso mundo.

Sem se dar conta das emoções que despertava em Edgar ela continuou.

— Foi inútil sua tentativa de fuga, pois teve o mesmo destino do primeiro. O tumulto só terminou quando não existia mais nada que retirar de seus corpos.

Edgar estava visivelmente sob forte emoção, um misto de medo e sincero pesar pelos dois homens abatidos na história. Pensou no menino jogado no chão, também morto. Ele sentiu seu peito apertar cada vez mais e se perguntava se fez a coisa certa não explodindo a passagem que dava acesso a aquele mundo onde viviam aquelas criaturas devoradoras de homens.

— Imagino. Disse a criatura, arrancando Edgar do seu inferno mental. — Que você esteja se perguntando se deveria ou não ter acionado o explosivo, mas eu te digo que não deveria. Esta história se passou há muito tempo Edgar, poucos

de nós ainda se alimentam diretamente de humanos atualmente. Apenas algumas ordens específicas de meu povo e uns poucos exilados no seu mundo, fazem isso.

— Existem exilados do seu povo soltos no meu mundo? Perguntou Edgar impressionado.

— Não chegam a algumas centenas, mas coexistem com vocês há milênios.

Edgar agora entendia como centenas de pessoas desapareciam todos os anos nas grandes e pequenas cidades, em todos os cantos do planeta, sem deixar vestígios; isso porque eles eram levados por esses exilados.

Sem perceber o que ia à mente de Edgar, a criatura continuou falando.

— Hoje a maioria de nós nem precisa sair de nosso mundo para se alimentar. Instalamos coletores em todas as suas cidades, assim quando



à noite cai pegamos de vocês apenas o que precisamos e oferecemos aos nossos irmãos, sem que suas vidas sejam alteradas, raros são os humanos que percebem que tiveram algum contato conosco; um caso de medo do escuro aqui ou ali e nada mais.

— Então, vocês, meio que roubam nossas vidas enquanto dormimos? Vocês são como parasitas?

— Não fale desse jeito Edgar, somos o que somos e como somos e está acabado. Falando assim, você faz parecer que nossa condição é indigna.

— E não é? Falou Edgar com um tom de repulsa.

— Não vou discutir com você essas questões morais, pois nesse momento temos

coisas mais importantes para resolver. Estenda sua mão e toque no meu ombro.

Percebendo a hesitação de Edgar em tocar sua pele a criatura disse em tom descontraído.

— Não seja bobo, eu não estou com fome...ainda.

Edgar soltou um sorriso e tocou o ombro dela sendo conduzido até o poste, que estava parcialmente danificado. Segurando a mão dele, ela mostrou-lhe uma gravação em alto relevo que estava na base do poste, próximo ao chão e explicou.

— Consegue sentir Edgar?

— Sim, parece um tipo de quadrado com três esferas no centro...não sei bem o que é. Falou Edgar quase sussurrando.

— Muito bem, você o descreveu perfeitamente. Este não pode ser visto sob à luz do sol e raramente um humano se dá conta da existência dele, nós o chamamos de signum. O signum é uma marca que espalhamos em pontos específicos ao redor do seu mundo para nos guiar de volta para casa.

De alguma forma todos estes pontos ao redor do seu mundo estão conectados.

Talvez Edgar não pudesse entender tudo, mas algumas coisas realmente pareciam fazer sentido e ele permanecia atento.

— Não sei se você consegue alcançar alguns conceitos que eu estou compartilhando contigo. Disse ela. — O tecido do espaço é uma estrutura muito complexa e nós descobrimos tardiamente que ele não pode ser atravessado em qualquer lugar, sem consequências, sem afetar o equilíbrio à sua volta. Para evitar problemas, nós

estudamos sua estrutura e reações as aberturas artificiais que nós criamos, passamos a entender melhor como ele funciona e produzimos um mapa, o Antagorn; nele marcamos todos os lugares no seu mundo onde podemos estimular o tecido do espaço a se romper naturalmente, assim podemos entrar e sair sem causar nenhum tipo de problema para nós ou para vocês.

Edgar demonstrando um visível mau humor retruca.

— Quanta gentileza héim!

— Não seja ranzinza Edgar, estou tentando nos ajudar. Disse a criatura.

Debochadamente Edgar completa.

— É mesmo? Me explique isso “moço”.

— Então. A criatura fez uma pausa e continuou. — O meu povo e o seu tem um inimigo

em comum que nesse momento conspira contra nós. Primeiro nosso inimigo espera acabar com todos nós, que vivemos na escuridão, pois ao esvaziar suas cidades, tornaram nossos coletores inúteis, nos deixando sem possibilidade de obter alimento. Tudo isso com a ajuda do seu governo.

Edgar soltou a mão da criatura e se pôs de pé. Tentava conectar seus sentidos com tudo a sua volta. Agora ele conseguia imaginar por que os soldados iniciaram a destruição das passagens.

— Agora mesmo que eu não entendi aonde exatamente você quer chegar. Por que isso tudo é ruim para nós, humanos? Perguntou Edgar, ainda meio confuso.

— Simples, quando eles terminarem de nos exterminar, os próximos da lista, com toda certeza, serão vocês; ou você realmente acredita que eles compartilharam a tecnologia de

armazenamento biológico apenas para evitar as baixas humanas quando a guerra começar?

— Eu nem estava sabendo disso. Disse Edgar.

— Eles vão promover no seu mundo, a guerra mais limpa que já se ouviu falar. Com essa tecnologia é possível exterminar uma espécie inteira em menos de um segundo, apenas apertando um simples botão; por este motivo seus animais foram mantidos fora das células, eles só querem exterminar vocês, não o seu mundo.

— Olha você está me deixando perturbado e confuso. Completou Edgar.

— Esse é o meu plano. Escute você precisa me ajudar a alertar os líderes do seu povo do que os aguarda.

— Eu? O que um cego como eu pode fazer?

A criatura sorrindo segurou a mão de Edgar e completou:

— Você vai saber meu amigo, quando o momento certo chegar. Por hora, vamos dar uma volta.

Com um pequeno impulso os dois mergulharam na escuridão, deixando para trás apenas papéis dançando ao vento no ambiente desolado da estação Central do Brasil.

Enquanto isso, no Camboja, depois do meio dia o nível de umidade nas florestas começa a subir rapidamente e a temperatura mais amena faz com que a vida começasse a emergir por toda parte.

O som de um pequeno monomotor de uma empresa belga sobrevoando a vila de Roi Me Ing, acabou com o sossego de uma centena de

pássaros que estavam aninhados nas copas das árvores próximas.

O piloto tentava sozinho registrar fotograficamente a situação da vila logo abaixo. Ele fazia parte da resistência do mundo dos homens; um grupo de pessoas que se negou a buscar a proteção governamental durante a crise que assolou o planeta.

O avião passou sobre a vila no exato momento em que Chris e Kimberly saíram da sombra do imenso tronco de um gigantesco Banyan e entraram na clareira. O mato invadia lentamente tudo a sua volta e macacos de várias espécies tomaram para si as casas, agora abandonadas.

Os dois jovens caminharam na direção do cais onde a nave dos exilados da noite aportou na sua última estada na vila. Não havia sinal de que algum ser humano pisara na vila depois do dia em



que a escuridão engoliu tudo. O buraco no chão, sob o tapume de bambu, onde os Mhuay Kong colocaram os espanhóis, mantinha preservada em suas paredes, as marcas de unhas, dedos, indícios de que uma luta pela vida tinha sido travada ali.

Kimberly olhava com bastante atenção a sua volta, certificando-se de que não corriam perigo de vida. Em sua mente recordava os últimos minutos de vida dos espanhóis dentro do buraco. Chris percebendo o comportamento inquieto de sua namorada resolveu perguntar.

— Kim, o que há com você? Você está muito estranha, e até agora eu não entendi. Podendo ir para qualquer lugar do mundo, por que trouxe a gente para cá?

Kimberly parou um pouco de andar de um lado para o outro e respondeu.

— Lembra aquele dia na colina? Lembra que a escuridão tomou conta de toda essa parte da floresta? Então, eles deviam ter um artefato do mesmo tipo do nosso. O nosso nos leva pela escuridão o que eles usaram aqui de alguma forma trouxe a escuridão até eles. Se ele estiver por aqui, eu quero achar; essas coisas são muito poderosas.

Subitamente uma voz conhecida se fez ouvir nas folhagens no entorno. Era a menina de tez negra e tranças que saía da mata e caminhava na direção deles.

— O que vocês estão procurando não está mais aqui, foi levado pelo rio e está a quase dois quilômetros naquela direção. Disse isso apontando na direção em que a correnteza do rio Khong seguia.

— Mocinha, você tem muita coisa que explicar, sabia? Disse Kimberly com um pouco de nervosismo na voz.

— Sei sim, mas esta não é uma boa hora para explicações e historinhas felizes, confiem em mim, estou aqui para ajudá-los. A jóia que vocês procuram está sob a guarda de uma criatura chamada Guaurar, ele desceu o rio quando caiu da mão de Djai Ling.

— O Guaurar o encontrou e o mantém Guardado desde então.

Chris pensou por um instante, queria entender melhor os motivos que levaram a menina a sumir e agora aparecer do nada, lhes oferecendo uma oportunidade de encontrar exatamente o que eles vieram buscar.

Kimberly compartilhava das mesmas preocupações do namorado, no entanto, sentia que estavam mergulhados em algo muito grande. Ela tinha aquele “feeling” e agora estava disposta a ir até o fundo desse mistério.

Antes de partir em busca do precioso artefato Kimberly decidiu que tinha algumas perguntas a inquietavam e percebeu que aquele era o lugar e aquela era a hora certa para fazê-las.

— Olha, algo dentro de mim me diz que você parece ser só uma menininha, mas que isso não é verdade. Kimberly deu uma respirada e prosseguiu. — Por favor, me explique o que é tudo isso, me diga o que está acontecendo e por que nós estamos aqui; pode nos dizer?

Tão logo Kimberly parou de falar a menina assumiu uma postura mais extrema, todos os traços infantis que ela mantinha desapareceram e ela falou.

— Você está certa Kim, meu nome é Phoebe e eu tenho a idade de muitas vidas humanas e de centenas de mundos. Tenho inimigos tão antigos quanto esta estrela que ilumina seu mundo. Eu venho de um mundo que

está sendo destruído pelo medo e cobiça e eu quero salva-lo. Assim como vocês vieram a mim com um propósito bem definido e eu os estou ajudando a alcançá-lo. Não sou mesmo apenas uma menininha.

— Um alienígena, que legal! Você nos escolheu? Perguntou Chris.

— Claro que não; vocês me escolheram. O amor que vocês têm por todos os seres da criação e o respeito às leis universais criou em suas almas uma marca cujo padrão me atrai, assim como o crime e as quedas morais de alguns humanos atraem criaturas de propósitos menos nobres até eles.

— Então, você quer dizer que o nosso jeito de viver nossa vida, nos trouxe até aqui? Perguntou Kimberly.

— Exatamente, e agora vocês poderão provar o tipo de humanos que eu acredito que são. Completou Phoebe.

Chris estava encantado com aquele conceito de destino e se animou a participar da caçada.

Phoebe percebendo a mudança no olhar do casal continuou.

— Lembrem-se disso. Entrar e sair do covil do Guaurar não será um problema para vocês, pois nenhum dos dois pertence a ele. No entanto devo avisá-los, nada impede que ele mate vocês.

— Por que esse Guaurar iria querer nos matar? Perguntou Chris.

— Porque essa é a sua natureza, o seu tormento. E continuou. — Os Guaurars, desde jovens começam a acumular coisas consideradas de valor, afastam-se dos da sua espécie e

procuram um covil, onde se instalam sozinhos, às vezes por milênios. Alguns assumem uma forma próxima a humana comum e passam a viver perto de vocês. Desenvolvem um comportamento semelhante à demência humana, esquecendo sua origem, costumam defender a todo custo qualquer item da sua coleção. O aspecto mais aterrador da existência de uma Guaurar é a maneira como eles se alimentam.

— Como é que eles fazem? Perguntou Chris.

— Eles secretam pela pele uma substância gosmenta que atrai e captura uma espécie específica de mosca, uma vez grudadas na pele deles elas morrem em uma lenta e dolorosa agonia. O material biológico dos insetos mortos não pode ser absorvido pelos Guaurars, a dor e o sofrimento lento dos insetos faz com que o corpo do Guaurar produza enzimas nutrientes. Eles

passam sua existência se alimentando de seus próprios corpos até o final de seus dias.

— Então, enfrentando esse bicho podemos morrer? Perguntou Kimberly.

— Se tocarem em outras partes do corpo dele que não sejam as palmas das mãos e pés, com toda certeza. Respondeu Phoebe. — Agora, se sobreviverem...a recompensa será a altura do desafio.

— Parece nojento uma criatura com a pele toda coberta de moscas....credo. Sussurrou Kimberly.

Phoebe fez uma pausa, caminhou até os dois e tocou suavemente suas fronte. Os dois sentiram um leve formigamento e logo um rosto humano começou a se formar em suas mentes. Uma imagem tão nítida que eles ficaram com a



incrível sensação de que conheciam intimamente o dono do rosto.

— Quando encontrarem a jóia até esse rapaz que estão visualizando, juntos vocês três têm um grande trabalho a fazer.

Mais uma vez o avião com o fotógrafo sobrevoou a vila, cada vez mais baixo, tão baixo, que os dois se inclinaram instintivamente. Quando o avião terminou de passar o casal procurou a menina em busca de mais detalhes, mas ela já tinha partido. Agora tudo o que tinham que fazer era buscar o covil do tal Guaurar, pegar a jóia levá-la até o rapaz em suas mentes.

Rapidamente os dois começaram a descer o rio, dispostos a correrem todos os riscos para alcançar seu propósito.

## Capítulo Nove

### Os Iluminados

De volta ao gabinete do secretário de segurança norte americano, dois homens discutiam o destino de um rapaz algemado a uma mesa. O sujeito mais alto dividia sua atenção entre a imagem do rapaz no monitor e a indecisão do secretário sentado às suas costas.

O secretário estava enfrentando um conflito de ordem moral e por isso resolveu inquirir o visitante.

— Por que vocês precisam do rapaz?  
Perguntou ele com voz trêmula.

— Não se preocupe com o rapaz, não lhe faremos mal. Respondeu o visitante.

O visitante fez uma pequena pausa, apontou para um dos monitores onde pequenas

luzes que lembravam vaga-lumes estavam cintilando no escuro e continuou.

— Preocupe-se com seus inimigos que dormem naquelas crio células, eles sim são um problema seu.

Mesmo sentindo-se desconfortável o secretário resolveu responder a provocação do visitante e disse em tom assertivo.

— Se não estivéssemos nesse estado de emergência, sua proposta de matar todo mundo seria no mínimo criminosa, sabia?

Sem se alterar, o visitante completou.

— Como você mesmo disse senhor secretário, esses novos tempos exigem de todos nós grandes sacrifícios.

O secretário, ainda demonstrando estar contrariado, atravessou a sala e se encaminhou à

sua mesa, apertou o botão do interfone ligado às zonas seguras da base, e começou a falar com alguém que estava do outro lado da linha. O visitante, que acompanhava cada um de seus movimentos se virou e sorrindo disse.

— O senhor fez a escolha certa. Ninguém saberá o que foi decidido aqui nesta sala.

O secretário ainda no interfone percebeu pelo monitor que na sala onde o rapaz estava algemado à mesa, tinha outra pessoa. Uma mulher entrou na pequena sala e parecia conversar com o prisioneiro. Aquela era uma atitude bastante suspeita.

O secretário parou de falar por um segundo e ficou observando os dois pelo monitor.

— O que você está fazendo aí mulher? Pensou em voz alta, quase como um sussurro.

Quando ouviu o sussurro do secretário, o visitante se virou na direção do monitor e foi se aproximando tentando entender também o que estava acontecendo lá dentro.

Por cima do ombro do visitante, no monitor, o secretário viu a mulher na sala retirando o que parecia ser uma chave de fenda do bolso e introduzir no interruptor de luz. Além de incendiar o interruptor, que fez com que a sala ficasse completamente às escuras, ela provocou uma reação inesperada nos visitantes presentes no escritório.

Assim que o alarme foi disparado pelo secretário e ele avisou a pessoa do outro lado do interfone que um prisioneiro estava fugindo, os três visitantes abriram suas bocas e soltaram um som agudo, semelhante a um grito, que fez com que seus corpos se incendiassem instantaneamente.

Três grandes bolas de luz e fogo surgiram na sala queimando tudo a sua volta, os livros viraram pó em questão de segundos e os troféus e medalhas começaram a derreter; devido à onda de calor que emanava de seus corpos.

O secretário tentou correr para proteger-se do forte calor, mas foi agarrado por um dos visitantes que além de queimá-lo o sacudiu para frente e para trás duas vezes, partindo sua coluna na base do pescoço.

Atravessando a porta, as três bolas de fogo seguiram pelo corredor em direção à ala de contenção. Todos os guardas encontrados pelo caminho foram queimados. Os visitantes só pararam quando chegaram à pequena sala e perceberam que a mesa estava lá, as algemas também, mas o rapaz e a mulher não; ambos tinham desaparecido.

No momento seguinte, três grandes bolas de luz e fogo atravessam o teto do prédio em direção às nuvens, seguidas de perto por outras oito ou nove que se encontravam no perímetro, deixando para trás uma trilha de destruição e morte.

Do outro lado do globo, no monte Pilbara o Doutor ainda estava às escuras; literalmente. Algumas horas sem contato entre a base do Monte Pilbara e o comando central, fez com que várias unidades de segurança fossem enviadas para o deserto.

Quando as forças de segurança chegaram, a montanha tinha desaparecido no meio de uma grande massa escura. Uma anomalia jamais vista. Todo o monte estava coberto por um tipo de massa muito densa e com aparência gelatinosa.

O primeiro homem na linha de comando conversava pelo rádio enquanto o comandante

imediatamente posicionava os soldados fortemente armados em torno de todo o complexo.

Um tenente se aproximou do comandante em busca de mais informações sobre a retomada da base. As primeiras ordens eram para atirar indistintamente na direção da montanha e os soldados queriam uma confirmação dessa iniciativa.

O comandante esclareceu que a inteligência do exército suspeitava que a força que mantinha a anomalia ativa, no entorno do complexo, vinha de indivíduos humanos que usavam um tipo de gerador portátil daquela massa.

Nosso plano para derrubar a anomalia é atirmos a esmo dentro dela, acreditamos que cada indivíduo que nós acertarmos desativará o seu gerador e enfraquecerá toda a estrutura.



— Senhor, disseram que tem crianças lá!  
Disse um dos soldados.

— Você está disposto a sacrificar as vidas das nossas famílias por uma criança que está do lado errado dessa guerra soldado? A sua família também está dormindo lá dentro ou você esqueceu? Gritou o comandante para que todos ouvissem e entendessem que ele não faria concessões.

— Não senhor. O soldado fez uma pequena pausa e continuou. — Eu não esqueci.

Percebendo que o ânimo da tropa tinha sido restaurado o comandante deu a ordem, apontando na direção da gigantesca massa que cobria toda a montanha.

— FOGO !

Dentro da montanha o caos se espalhou rapidamente entre a equipe de trabalho. Como a

base estava totalmente às escuras, uma histeria coletiva teve início, seguida de gritos e choros por todos os lados. Do lado de fora os sons dos tiros se sobrepunham aos sons de corpos sendo atingidos pelos disparos.

Aos poucos a enorme massa começou a apresentar falhas e a face da montanha começou a se revelar. Na tentativa de manter a estrutura de pé, alguns dos que portavam os geradores piramidais, apontaram seus artefatos na direção dos soldados engolindo-os com sua escuridão, no entanto, tão logo um soldado caía outro tomava o seu lugar.

No interior da massa todos os invasores mantinham firmemente suas posições, as balas atravessavam a cortina escura e atingiam-nos um a um. A despeito do companheiro ao seu lado ter sido atingido e cair morto nenhum dos portadores recuava um centímetro sequer.

A convicção de que estavam do lado certo naquela batalha lhes dava força. Embora eles fossem muitos do lado de dentro da anomalia, do lado de fora o contingente militar também era grande.

Aos poucos os monitores externos começaram a funcionar e as baixas de ambos os lados podiam ser vistas através deles; dúzias de corpos estavam estendidos nas areias do deserto e sobre as rochas.

A equipe da base que, acompanhava tudo pelos monitores vibrava cada vez que um dos portadores era atingido e um buraco enorme na anomalia era produzido. As equipes internas da base aos poucos foram ficando mais confiantes nas forças militares que do lado de fora garantiam seu retorno à segurança.

O Doutor, de todos os presentes, era o único que observava tudo com uma dose de

cautela. Em seu intimo ele estava feliz por ter novamente a sensação de estar no controle de tudo, no entanto imaginar que aquelas pessoas, que horas antes, eles tentavam salvar, estavam sendo mortas do lado de fora daquelas paredes, não era uma sensação das melhores.

O Doutor seguia angustiado, enquanto examinava todas as possibilidades e desdobramentos daquele incidente; pensava: o que as teria levado a mudar de lado? Como foram retiradas das crio células sem o auxilio da tecnologia dos seres da luz? Com toda certeza havia pouco o que comemorar.

Uma das câmeras externas registrou a abertura repentina de uma enorme fenda na anomalia, entre os soldados e a montanha. Para seu espanto, nove grandes esferas desceram dos céus sobre o deserto fazendo um barulho ensurdecedor.

Os soldados pararam de atirar e ficaram imóveis observando o fenômeno.

Imediatamente, as formas esféricas foram alteradas para a forma humanóide. Diante deles nove homens de mais de dois metros de altura apareceram com as faces voltadas para a montanha onde a anomalia ainda resistia.

Um dos visitantes virou o rosto na direção do soldado e com uma voz extremamente grave ordenou.

— Afasta-te!

Dito isso, todos os nove abriram os braços e gritaram tão alto que foi possível ouvi-los a quilômetros dali. Seus trajes se iluminaram como grandes sóis vermelhos e dispararam uma coluna de luz e fogo na direção dos humanos que mantinham a anomalia ativa.

Dentro da anomalia as pessoas que eram atingidas pela luz mortal caíam. Cada disparo abria uma fenda de quase dez metros de largura na estrutura.

As equipes dentro da montanha aplaudiam entusiasmadas com a ajuda inesperada. Todos queriam ver a batalha que era travada do lado de fora, elas se acotovelavam na frente dos monitores; todos queriam testemunhar a reconquista da base.

Do lado de fora os soldados festejavam, se abraçavam e gritavam a cada metro conquistado. Nenhum deles sabia quem eram aqueles estranhos tão poderosos, mas eles aceitaram o fato de ser uma grande sorte que eles estavam do seu lado.

O Doutor, de onde estava observava toda a movimentação das pessoas na frente dos monitores, percebeu que lentamente as luzes da base começaram a acender e as máquinas voltarem ao trabalho, menos o corredor que dava

acesso à sala de comunicação e contenção; estas continuavam mergulhadas na penumbra.

Ele ficou lá parado alguns minutos olhando o corredor escuro e sentiu uma sensação de que algo lá dentro estava olhando diretamente para ele. A sensação foi tão forte que quando ele se deu conta já estava com a ponta do pé no escuro.

Nesse momento ele lembrou-se do encontro com a criatura no escuro e ouviu quando uma voz, que soava como mil vozes, falou com ele.

— Não somos seus inimigos Moriá....eu já disse, não somos seus inimigos.

Instintivamente ele recuou seu pé de volta a segurança da luz. Sentiu aquele perfume almiscarado novamente e não conseguiu se mover, tamanha era a atração pela escuridão. Em sua mente a única coisa que vinha era a frase: — Novamente não.

No escuro enquanto uma voz dizia para ele não ter medo, uma fumaça preta foi aos poucos saindo do breu e tomou a forma de uma pequena mão. A sombra, em forma de mão apontou para o bolso no interior do seu terno, seguido de um sussurro.

— Você carrega um dos seis originais, proteja-o com sua vida Moríá, proteja-o com sua vida.

Quando as luzes do corredor se acenderam a criatura que falava com o Doutor não estava mais lá. Todos os técnicos e cientistas presentes gritaram ao mesmo tempo e a comemoração da vitória foi geral, pois do lado de fora todos os inimigos tinham caído.

Sem nenhuma cerimônia, as portas da base foram abertas para a passagem dos nove visitantes que salvaram o dia. As pessoas entusiasmadas apertavam suas mãos e sorriam



para eles que de volta apenas acenavam com a cabeça. Em seu íntimo, era evidente que os visitantes sentiam um estranho desconforto por estar na presença de seres que consideravam muito inferiores.

O Doutor e o comandante se encontraram na entrada e trocaram cumprimentos. Quando se dirigiam aos visitantes para também cumprimentá-los eles formaram duas filas paralelas criando um corredor por onde um deles caminhou até chegar aos dois líderes.

O estranho foi o primeiro a falar.

— Não desperdicem meu tempo com elogios e agradecimentos, eu vim para ajudá-los a recuperar o controle do complexo e implementar melhorias tecnológicas no seu sistema de segurança.

— O Estado Maior está ciente dessa operação? Perguntou o comandante ao visitante.

Antes que o visitante pudesse responder, se é que faria isso, um assistente chegou gritando.

— Doutor! Doutor! Aconteceu uma coisa terrível senhor, venha ver. Eu saí da sala por apenas alguns segundos...eu juro!

Todos, incluindo o Doutor correram para dentro da base. Foi preciso abrir caminho aos gritos entre os técnicos e cientistas para chegar à área de controle e armazenamento das células.

Antes mesmo de chegar perto da porta, o Doutor já imaginava o que tinha acontecido, pois a expressão dos que encontrava pelo caminho não era das melhores.

Quando conseguiu romper por entre aquele paredão humano ele não se conteve e soltou um

palavrão, ele percebeu que a batalha do lado de fora da base tinha sido uma distração. A turba começou a ficar em silêncio enquanto ele olhava a sua volta.

O visitante que parecia ser o líder dos nove entrou na sala logo atrás do Doutor.

Quando percebeu que as crio células tinham sido roubadas, o Doutor sentiu-se como alguém que teve uma espada atravessada no peito. Tanto sacrifício para nada; eles não conseguiram proteger aquelas pessoas. Aqueles que dormiam nas crio células eram sua responsabilidade e agora, estavam todos perdidos.

O ser de luz que vinha logo atrás do Doutor, ao perceber que todas as crio células tinham sumido, teve uma reação completamente inesperada.

O visitante caminhou até o técnico que tentava explicar ao Doutor por que se ausentara de seu posto durante o blackout, segurou-o pelo pescoço com uma mão e com o punho da outra mão fechada, golpeou o rapaz no alto da cabeça, partindo-a.

O impacto daquela cena fez com que todos a sua volta dessem um passo para trás, formando um grande círculo.

Todos os nove visitantes deram um horrendo grito ao mesmo tempo, alterando suas formas. Em questão de segundos a sala inteira estava tomada pela luz e pelo fogo.

A maioria das pessoas presentes, conseguiu sair a tempo da sala, as que não conseguiram foram completamente consumidas pelo fogo.

Tão logo os visitantes alteraram sua forma e se iluminaram, o Doutor acionou um mecanismo de segurança que isolou a sala do restante do complexo, restringindo o calor e a destruição àquele único setor.

Do Lado de fora da base, escondido em um rochedo a poucos quilômetros dali, Rhotai acompanhou todo o desenrolar da batalha, da chegada do exército até o momento em que os seres de luz romperam pela parede da base rumo ao céu, eles pareciam grandes estrelas incandescentes ansiosas para retornar ao firmamento.

Do lado de Rhotai, um homem de estatura mediana, cujo tamanho lembrava os famosos pigmeus africanos, apoiava-se em uma bengala, era Djai Ling.

Depois que os seres da luz partiram Rhotai foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Eles mataram todos que estavam lá dentro, velho amigo, e ainda destruíram os geradores. Falou com uma voz de pesar pelos caídos da batalha.

— Não se preocupe filho, eles não caíram em vão. Levantando a mão e tocando o gigante com delicadeza, o antigo líder dos Mhuay Khongs continuou. — Quando finalmente estivermos com todas as seis originais e a chave, vamos retomar o controle desse mundo e nossos inimigos só terão uma alternativa, recuar.

Tendo dito isso Djai Ling caminhou até uma parede ao lado deles e tocou com a ponta da bengala a parte mais áspera da pedra.

A ponta da bengala tinha a forma de duas mãos fechadas unidas pelos dedos, palma com palma. Os braços humanos distorcidos que compunham a bengala começaram a se mover em direção a extremidade superior. As duas mãos

esculpidas nas extremidades se abriram liberando pequenas bolhas de luz negra que juntas deram forma a uma passagem.

Da passagem aberta cinco pessoas emergiram.

A primeira a sair foi à senhora Yolanda Beir que trazia consigo, preso à uma corrente, um suntuoso medalhão cor de fogo com um galho de árvore incrustado no centro dele.

Ao chegar, ela cumprimentou a todos, em especial o dono da bengala o qual ela também chamou de velho amigo. Yolanda Beir trouxe, além do medalhão, um jovem de semblante muito abatido e triste que rapidamente buscou um canto das rochas e ficou lá sentado, completamente mudo.

A segunda figura a passar foi Edgar, que ainda confuso, tentava se localizar espacialmente.

Ele foi amparado por Rhotai que o avisou sobre estarem reunidos em uma depressão no topo de um pequeno rochedo e que era para ele tomar muito cuidado, pois era uma queda considerável até lá embaixo.

Edgar também trazia consigo um medalhão muito parecido com o da senhora Yolanda, no entanto o seu trazia gravado em alto relevo um grande olho negro.

Segundos depois que Edgar passou pela fenda, kimberly surgiu ao lado de Chris. Ambos traziam marcas de luta corporal e ferimentos por todo o corpo, e a despeito das dores individuais se apoiavam mutuamente.

Não tinham entendido ainda onde a jóia os tinha levado até que viram o jovem Andreas com ar abatido agachado no canto. Os dois quase não reconheceram o rapaz, pois quando Phoebe fixou a



imagem dele em suas mentes, ele estava muito mais jovial e feliz.

Kimberly imediatamente reconheceu Djai Ling entre os membros, mas se conteve, esperaria um momento oportuno para tirar todas as dúvidas sobre o episódio na floresta da qual ele teve papel principal.

Cada membro daquele grupo peculiar tinha uma jóia como a que ela e seu namorado resgataram da criatura Guaurar no Camboja, e semelhante a jóia que a menina lhes presenteara no barco quando fugiram da vila dos Mhuay Khongs; todas traziam uma gravura diferente no centro.

A gravura na jóia do aborígene Rhotai era uma gota de esmeralda lapidada, a jóia de Yolanda um galho de árvore, a do Edgar o cego, um olho negro e a sua um sol metade brilhando e metade apagado. Ela ficou se perguntando como seria a

jóia do Andreas, pois todos traziam a sua bem à vista, menos ele.

Djai Ling sentou-se no chão e convidou a todos para fazerem o mesmo. Ele esticou sua bengala e esfregou contra o chão em forma de círculo, para retirar parte das pedras que estavam espalhadas no caminho. Assim que ele percebeu que a superfície estava de acordo, ele bateu levemente com a ponta da bengala no solo, que inflamou.

Uma chama azul se ergueu e rapidamente aqueceu aquele pedacinho de montanha.

Depois de fazer isso, ele revirou uma pequena algibeira que trazia presa ao corpo e dela retirou um pedaço de raiz e ofereceu ao Chris.

— O que é isso? Perguntou Chris com uma voz de quem sofria dores muito fortes nos membros inferiores.

— É para que mastiguem, vocês dois. Façam isso até sentirem vontade de vomitar, então cusпам ela fora. A dor que estão sentindo vai desaparecer e os ferimentos irão curar; amanhã vocês estarão novos em folha. Ele fez uma pausa e com um sorriso maroto perguntou.

— Vocês deram mesmo uma lição naquele velho Guaurar rabugento não é mesmo?

Os dois abriram um sorriso maroto, acenaram com a cabeça que sim e pegaram a raiz para mascar. Enquanto mascavam examinavam a jóia que retiraram do Guaurar. Ela era diferente de todas as outras, trazia cenas de uma batalha entre dois exércitos e no seu centro a ponta de duas lâminas cruzadas formando o que parecia ser a letra X.

Segundos depois de iniciarem a mastigação, Kimberly e Chris não conseguiram conter a náusea seguida de uma vontade

irresistível de vomitar, o que provocou o riso de Ling.

— Muito bem...muito bem, agora procurem ficar calmos, a dor no corpo vai passar em alguns segundos.

À medida que a raiz ia fazendo efeito e que as dores de Chris e Kimberly estava passando, Djai Ling que os acompanhava com os olhos prosseguiu.

— Essas peças que vocês trouxeram não são simples medalhões ou jóias comuns. Ele fez uma pequena pausa e continuou. — Durante as primeiras guerras Únicas, os líderes das primeiras ordens da noite, se dividiram em clãs criaram um elemento muito poderoso com uma impressionante capacidade de destruição e que absorvia energia tanto da luz quanto da escuridão.

Esse elemento, uma vez nas mãos erradas...

O velho ancião fez uma pequena pausa para se certificar que todos estavam acompanhando e continuou.

— Naquela época os Únus já sabiam que as viagens ao mundo dos homens traziam sérios problemas ao tecido entre de todos os outros mundos, por este motivo eles usaram um instrumento chamado Antagorn para mapear todos os pontos naturais de entrada e saída. A partir de então o Antagorn deixou de ser apenas uma arma em potencial, para tornar-se um mapa interativo do nosso universo. Seu diferencial é que ele muda conforme o universo se expande. Por isso para protegê-lo ele foi dividido em seis partes.

— Então, se aqueles que estão destruindo as passagens puserem as mãos nele poderão remontá-lo e separar nossos mundos para sempre

e até mesmo nos destruir? Perguntou Edgar bastante curioso.

Apontando para Andreas o ancião prosseguiu explicando. Em um primeiro momento Edgar, sim, mas não basta remontar o Antagorn, para ativá-lo eles vão precisar da chave.

Como nas vezes anteriores a reação de Andreas foi intempestiva. Ele se pôs de pé e muito contrariado falou:

— Eu já disse isso centenas de vezes eu não tenho essa tal chave que todo mundo está querendo!

O velho ancião sem se deixar abalar pelos arroubos do rapaz, segurou-lhe pelo pulso e apontou para a palma da mão dele. Uma luz azul muito sutil se desprende da bengala e pousou sobre a mão do jovem, revelando um desenho escondido na parte de trás e na palma.

— Realmente você não está com a chave filho, você é a chave. Djai Ling fez uma pausa reverente e prosseguiu: — Veja bem, essa parte do desenho na sua mão corresponde às pontas da lâmina de duas espadas cruzadas em formato de X, exatamente como na parte do Antagorn que estava faltando. Quando você segurá-lo, as lâminas deverão rasgar sua carne e te conectar a ele.

— O quê?? Eu me cortar?? Eu odeio ver sangue...Disse Andreas visivelmente alterado.

— Eu acredito que quando chegar o momento você o fará; se for realmente necessário você o fará. O Antagorn lembre-se, não é apenas um mapa, é uma arma poderosa, com ele você poderá, se o alimentar de forma adequada, jogar um continente inteiro na escuridão por séculos e até mesmo derrotar nossos inimigos.

— Como assim alimentar a arma adequadamente? Perguntou Andreas.

— Esta é uma questão para amanhã, o hoje é o que me preocupa.

— Por milênios os que vivem na luz são os nossos mais tenazes adversários. Disse o ex-líder tribal com ar triste e continuou. Por hora, vou lhes mostrar como o Antagorn funciona. Removam as correntes das suas peças e as segurem. Muito bem, agora apertem as gravuras do centro para destravar as partes ocultas e eles assumirão a forma de quadrados. Agora atirem suas peças na chama azul.

Ao seu sinal, todos jogaram suas peças dentro da chama azul.

Em um primeiro momento elas rodopiavam no ar irregularmente. Enquanto giravam iam desdobrando partes ocultas em sua própria



estrutura e se aproximando umas das outras. Aos poucos foram diminuindo a velocidade em que se moviam e lentamente, como peças de um quebra cabeças, se atraíram mutuamente, terminando por montar um cubo quase perfeito, pois faltavam ainda duas peças.

— E agora velho amigo, o que podemos fazer se ainda estão faltando duas peças? Perguntou Rhotai.

— Não, duas não. Um dos lados foi feito para ser conectado diretamente com a chave; ele na verdade. Disse Djai Ling apontando para Andreas.

A outra que falta já foi encontrada, mas ainda vai demorar a chegar até nós, pois é a do coração.

— Como assim do coração? Perguntou Edgar.

— Cada uma das seis partes do Antagorn está ligada, se é que se poderia dizer assim, às origens dos “primeiros” e seus portadores doam parte de si para alimentá-las.

Andreas ouviu cada palavra do velho ancião como quem sorvesse uma taça de veneno gota a gota e quando ele terminou, o rapaz resolveu falar.

— Me desculpem, mas essa guerra não é minha. Eu não tenho nada a ver com essas disputas. Eu não vou furar minha mão em nenhuma peça de antiguidade e morrer de tétano porque um velhinho fã da Yakuza — uma menção as centenas de tatuagens que Djai Ling tinha em todo o corpo — disse que eu devo fazer isso.

O mal estar, que as palavras do rapaz provocaram foi imediato. Todos que estavam em volta da fogueira ficaram de pé e se entreolharam. Pensavam em como Andreas chegou até ali sem

entender a dimensão do que estava acontecendo? Seria possível que eles tivessem se enganado quanto à força de sua alma?

Em torno da fogueira, os membros do grupo estavam confusos. Sussurravam e olhavam para o velho ancião buscando respostas. Aquele jovem assustado era a chave para o futuro das duas espécies tinha quase certeza disso! E o que aconteceria se ele desistisse de fazer parte da luta?

Enquanto discutiam, um raio de luz iluminou aquela parte do rochedo e explodiu parte das pedras que estavam acima de suas cabeças, provocando uma confusão.

Todos correram para a proteção das rochas maiores, sem entender ao certo o que estava acontecendo. Djai Ling foi atingido por uma das rochas e estava caído junto à bengala. A

chama ainda acesa sustentava no ar dentro dela, o cubo já quase totalmente completo.

Outro raio de luz atingiu a rocha onde Rhotai se abrigou arremessando-o para longe. Agora ele também estava ferido.

Vários outros disparos se seguiram ao primeiro, afastando-os todos da chama azul e do cubo no seu interior.

De onde estavam, Kimberly e Chris, tentavam ver o agressor, no entanto a luz muito forte que emanava do corpo dele os atrapalhava.

Quando a luz e o calor começaram a diminuir, eles conseguiram ver, um homem de mais de dois metros de altura parado no ar a uns oitenta centímetros do chão.

Ele ficou ali parado alguns segundos. Depois estendeu a mão e uma nova coluna de luz de dois metros de altura e cinco centímetros de

largura, se abriu à frente do seu corpo. Aos poucos a coluna que ele criou foi ficando larga, mais larga, até atingir a forma de uma porta por onde um ser humano surgiu meio cambaleante; era o Doutor.

Durante a confusão na base do Monte Pilbara ele tinha sequestrado o Doutor e o trouxe com ele. Tão logo o Doutor saiu de dentro da porta de luz o visitante falou com uma voz muito grave.

— Humano observe, eis diante de ti os seus verdadeiros inimigos! O ser de luz fez uma pequena pausa apontando para cada membro do grupo escondido entre as rochas e continuou. — Entenda de uma vez por todas; é contra eles que você deve lutar! Eles planejam a ruína da sua espécie!

Quando terminou a frase, o visitante fez mais um disparo. Este último disparo atingiu Andreas na altura do abdômen jogando-o

violentamente contra uma rocha, provocando uma intensa hemorragia.

Dirigindo-se ao Doutor o ser de luz ordenou.

— Rápido, pegue o artefato na chama azul!

Ouvindo isso, Djai Ling, gravemente ferido, voltou-se para Kimberly e Chris e gritou para que se aproximassem de Andreas e o ajudassem.

— Protejam o garoto, sem a chave nossos sacrifícios até aqui terão sido em vão. Disse ele.

Dentro da chama azul, o cubo ainda girava quase completo. O visitante continuava atirando contra as rochas na tentativa de atingir mais alguém e ao mesmo tempo mantê-los longe do cubo.

Rhotai levantou-se com bastante dificuldade, fechou os olhos e implorou para que

seus ancestrais lhe dessem forças para superar o inimigo; saltando em seguida contra o agressor que insistia em explodir tudo à sua volta.

Antes que pudesse atingir o visitante, Rhotai foi agarrado pelo pescoço. O visitante usava um tipo diferente de traje que emitia luz e calor. Quando o visitante fez força para segurar Rhotai o traje brilhou com mais intensidade. Com Rhotai seguro por apenas uma das mãos, o estranho caminhou até a ponta do penhasco e ordenou que todos saíssem de seus esconderijos ou ele abriria as mãos e deixaria o companheiro deles cair.

Rhotai percebeu que uma pequena pedra que o visitante trazia na testa brilhava com mais intensidade toda vez que o gigante apertava a mão.

Instintivamente ele entendeu como o traje do seu oponente funcionava, resolveu arriscar. Estendeu o braço e arrancou a jóia da testa do seu

captor, provocando uma sucessão de efeitos luminosos coloridos.

A roupa que o ser de luz usava parou de brilhar e ele instantaneamente perdeu a força na mão, permitindo que Rhotai o agarrasse com as pernas pela cintura e o tombasse; se libertando.

O gigante de dois metros ficou tão surpreso com o movimento inesperado que não soube como reagir, tentou sem sucesso disparar contra os cinco, mas a roupa não estava funcionando e os raios não saíam de suas mãos.

Kimberly, Chris e Yolanda saíram do seu esconderijo e caminharam na direção de Andreas e do velho ancião, erguendo-os. O ser de luz ficou desesperado, ele percebeu que agora estava vulnerável e que não podia mais contar com sua tecnologia naquela luta.



Então, em um ato extremo retirou uma adaga dourada que trazia escondida sob as vestes e se atirou contra o jovem já ferido.

Andreas não estava em condições de se defender daquele ataque e o agressor era grande demais; um gigante de dois metros de altura e que estava disposto a matá-lo.

A ironia do momento estava no fato de que ele nem queria estar ali, não queria participar de nenhuma luta e, até o dia que foi capturado pela inteligência americana, as palavras resistência, guerra, lutas e universos múltiplos, nem faziam parte do seu cotidiano.

Agora ele estava ali ferido e prestes a ser esfaqueado por alguém que o considerava um inimigo. Ele iria morrer por uma causa que não era sua; tudo, porque nascera com uma marca na mão que até então era apenas um sinal de nascença.

O gigante se aproximou de Andreas rapidamente, se inclinou, encostou a adaga dourada na altura do peito dele, entre os pares das costelas 3 e 4 e sussurrou.

— Não tenha medo, eu conheço a anatomia humana, tudo acabará tão rápido que você nem vai perceber que aconteceu.

Andreas fechou os olhos e rezou para que além de rápido o golpe fosse indolor. Quando sentiu que o corpo do gigante caiu sobre ele, Andreas se assustou. Ao abrir os olhos o Doutor estava lá de pé diante dele, segurando uma enorme pedra nas mãos e sorrindo.

— Antes não dava pra fazer nada para ajudar porque ele é muito alto, mas assim que ele se abaixou foi moleza. Disse o Doutor.

Ainda olhando o jovem nos olhos falou. —  
Eu não podia deixar ele te machucar garoto, isso  
não me pareceu certo.

Por trás do Doutor uma voz fraca  
interrompeu.

— ...e não é mesmo. Seja bem vindo  
portador! Dito isso Djai Ling ergueu sua bengala,  
virou-a na direção do Doutor e a quinta peça do  
cubo saltou do bolso interno de sua roupa e se  
juntou as demais partes dentro do fogo azul.

— Agora só falta a chave. Completou  
Yolanda.

Kimberly vendo que a lâmina dourada  
penetrara alguns centímetros no corpo de Andreas  
e ele estava bastante ferido, resolveu fazer algo a  
respeito e chamou o namorado.

— Chris! Me ajude à levá-lo até o cubo.

Chris rapidamente se aproximou da namorada e juntos começaram a carregar o ferido. Ao chegar próximo do fogo Andreas ficou admirado como o cubo era incrível, ele era lindo, a luz azul circulava dentro e em torno dele, enquanto ele girava lentamente no ar, parecia cheio de vida.

Mesmo naquele momento derradeiro ele estava feliz, sua vida agora fazia algum sentido, tinha um propósito, ele faria agora parte de algo maior que ele; bem maior.

Chris se aproximou e tentou estimulá-lo dizendo.

— Força amigo! Você consegue.

Percebendo que Andreas estava com uma intensa hemorragia e muito fraco, Chris tentou encorajá-lo. Sorriu para ele e mostrando a própria mão continuou.

— Veja bem, eu também tenho uma marca na palma da mão, como você, mas a sua é muito mais bonita e poderosa que a minha. Então eu vou te ajudar a ativar o cubo, pois este é o seu grande momento e uma vez ativado, ele vai te curar. Voltando-se para Djai Ling perguntou: — Não vai?

Chris ainda tentou ajudá-lo a se unir ao cubo, segurando-lhe a mão e conduzindo-a até a chama azul, no entanto o braço de Andreas ficou mole, sua cabeça pendeu para trás e a última coisa que ele viu foram as nuvens se abrindo no horizonte e o sol surgindo majestoso lá de dentro. Ele sorriu para a vida naquele momento derradeiro e ele teve a sensação que a vida sorriu de volta para ele. Foi quando todos perceberam que Andreas estava morto.

Infelizmente para eles o pesar pela morte do companheiro não durou, o sol que Andreas pensou ver surgir de dentro das nuvens era na

verdade outros cinco visitantes de luz que desceram dos céus na direção do grupo.

Djai Ling olhou para o lado e percebeu que o cubo agora completo estava parado no ar ao lado de Chris e tentou se arrastar até lá. Ele precisava escondê-lo dos seus inimigos até que pudesse pensar no que fazer para ativá-lo, agora que Andreas morrera.

Os cinco pontos de luz, por sua vez, cruzaram os céus rápido demais, e antes mesmo de assumir a forma humana já efetuavam disparos contra eles. Impedindo assim, qualquer tentativa de se movimentar entre as rochas.

Chris sentiu-se fortemente atraído pelo cubo, do mesmo modo que se sentiu atraído por todas as partes dele com as quais teve contato, começou a mover-se com o intuito de tocá-lo.

O cubo era realmente incrível em todos os aspectos. Para Chris, todos os sons das explosões à sua volta, a voz de Kimberly, tudo à sua volta se movia em câmera lenta e muito distante, pois em sua mente agora só existia uma coisa; o cubo.

Sem entender bem o “por quê”, Chris segurou o cubo e o encaixou perfeitamente na palma da mão. O jovem destemido respirou fundo e bateu com o cubo no chão em um único golpe. As lâminas atravessaram a sua carne e foi como se o sol do mundo se apagasse.

O cubo gerou instantaneamente uma bolha de escuridão tão grande que chegou à atmosfera do planeta. Os cinco indivíduos que voavam na direção deles tiveram seus trajes desativados instantaneamente, as jóias em suas testas se apagaram e os cinco caíram no vale rochoso abaixo. Ninguém poderia ajudá-los, pois estavam longe da segurança do rochedo e voavam alto

demais. As pedras do fundo da ravina converteram-se em suas lápides.

Uma explosão impressionante fez com que todos se virassem para o céu acima deles, bem a tempo de ver duas naves caírem dos céus e se chocarem contra as rochas. As naves estavam ocultas entre as nuvens e, como tudo nas proximidades, também tiveram seus aparatos tecnológicos inutilizados instantaneamente pela escuridão,

Aos poucos um mapa luminescente começou a se formar em torno dos seis portadores e eles puderam ver cada uma das centenas de passagens que existiam ao redor do globo. Imagens de galáxias, estrelas, cometas, passavam na frente de seus olhos. As imagens eram táteis, podiam ser tocadas.

Kimberly estava encantada. Nunca imaginou que existisse tal tecnologia. Rhotai



parado diante daquelas pequenas luzes pensava nas inúmeras possibilidades que a aproximação entre os povos daqueles mundos poderia abrir, se fosse de conhecimento público a existência das passagens.

Yolanda, por sua vez apenas observava, ela era velha o bastante para saber que nada se constrói sem sacrifícios e ela sabia exatamente quais seriam os desdobramentos daquele momento na vida de todos.

— Está feito. Disse o ancião Djai Ling sorrindo para Chris. — A chave não era a marca impressa na mão de Andreas, era a força que você trazia na alma.

— Então, o senhor sabia que era eu o tempo todo? Perguntou Chris.

— Sim, mas chegar até aqui e fazer o que você fez precisava ser uma escolha sua e de mais

ninguém. Se eu te contasse talvez você fizesse exatamente o que fez, apenas porque pensaria ser uma obrigação.

— Entendi. Disse Chris.

— Nós precisávamos da sua força interior para ativar a chave, não do seu senso de moralidade. Disse Djai Ling. — Eu acredito que você ainda não esteja vendo tudo claramente.

Chris se virou e percebeu que Kimberly olhava para ele e Djai Ling continuou: — Ouça, você é um filho de dois mundos, talvez um dos poucos que existem.

— Como assim? Perguntou Chris. — Não estou entendendo.

— Calma, você vai entender tudo. Por hora, acho prudente sairmos daqui.

De longe Kimberly observava os movimentos de seu namorado. Ela estava orgulhosa, ele a amava mais do que qualquer coisa no mundo e ela a ele. Ela era a sua amada Kim e se existisse mesmo algo parecido com uma alma gêmea dele no universo, Kimberly certamente era a sua.

O grupo resolveu partir, levando consigo uma das armas mais poderosas já criadas nos três mundos, deixando para trás aquela parte rochosa do deserto, iluminada apenas pela luz das estrelas.

## Capítulo Dez

### Nos Domínios da Morte

Antes de atravessar a passagem na montanha, Kimberly percebeu que Djai Ling parou e deixou que todos passassem primeiro. Kimberly já suspeitava que nada do que ele fazia era sem um propósito.

Djai Ling com seu olhar taciturno característico encarou Kimberly e disse-lhe:

— Isso mesmo, eu não vou com vocês. Agora que meus ferimentos estão curados, eu preciso me antecipar aos movimentos dos nossos inimigos. Eles estão dispostos a nos destruir e eu quero estar a muitos passos a frente deles.

— Como assim? Perguntou kimberly.

— Viajarei ao Laos até o vale que os moradores daquelas redondezas chamam de Vale

do Sussurro, que é na verdade um dos lugares mais enigmáticos do nosso universo. Dizem que nele, a morte reina absoluta.

— Como assim? O que tem lá? Onde fica mesmo? Perguntou Kimberly.

Djai Ling seguia explicando:

— Bom, sabe aqueles momentos da vida em que parece que tudo vai desmoronar?

— Sim, acho que sei do que você está falando.

— Então, nesses momentos as pessoas se isolam, procuram ficar em algum lugar para pensar melhor, respirar um pouco de ar.

— Eu faço isso o tempo todo, quando estou assim eu vou para o meu quarto e fico por lá. Completou Kimberly.

— Na verdade, o seu corpo fica no quarto tranqüilo, mas sua mente vai para esse lugar, o vale do sussurro, nos Domínios da Morte.

— Esse lugar não existe! Kimberly falou visivelmente impressionada.

— Existe sim; é uma armadilha, somente os fortes voltam de lá. Disse olhando nos olhos assustados de Kimberly e continuou.

Quando se chega ao topo da montanha e se entra no vale, por um caminho conhecido como a trilha do condenado, o visitante é desafiado com um enigma. Se acertar a charada da Morte terá um deslumbre de todos os acontecimentos que ainda vão se desenrolar no futuro. É mais ou menos como se a Morte premiasse os que chegam até o fim da jornada usando a razão e a lógica.

Kimberly estava impressionada. Primeiro ela não imaginava que tal lugar existisse de

verdade e depois, como alguém teria coragem de colocar sua própria vida em risco para saber tudo que vai acontecer no futuro?

Percebendo que a conversa ia se alongar, Djai Ling disse: — Quando eu concluir a jornada do vale, eu irei ao encontro de vocês. Ele fez uma pausa e continuou. — Agora vá, seus companheiros estão te esperando.

Enquanto seguia pela passagem, Kimberly parou de pensar um pouco em Djai Ling e seu vale do sussurro, nos Domínios da Morte, para pensar em Chris novamente, seu herói. Ela sentiu saudade da escola, dos colegas, dos professores e de sua família.

Quando ela começou essa jornada só queria sobreviver mais um dia e voltar para sua casa, agora havia algo mais urgente para fazer. Lembrou de Chris e a coragem que ele teve ao acionar o cubo. Ela sabia que se perguntasse a ele

por que fez o que fez, quando foram atacados e Andreas foi morto, o que por sua vez, resultou na salvação de todos e talvez até da humanidade toda, é possível que ele dissesse apenas....fiz o que me pareceu certo e ponto final!

Seu Chris era assim e ela o amava justamente por que ele era assim. Kimberly finalmente seguiu o grupo pela passagem e ela se fechou em seguida.

Segundos depois da passagem se fechar e todos desaparecerem nas sombras da montanha, um vulto soturno se arrastou pesadamente em direção a uma pequena gema caída no chão; era o impiedoso assassino de Andreas.

Ele pegou-a, aproximando da boca, assoprou e ela começou a emitir uma pequena luminosidade.



Quando a gema foi colocada em sua testa a tecnologia do traje voltou a funcionar e ele recuperou todo o seu esplendor e força.

Novamente revigorado, ele se levantou e, primeiro recuperou a pele ferida na luta com Rhotai, depois com as mãos espalmadas a frente do seu corpo fez aparecer um globo de luz que oscilava entre o vermelho e o azul.

O globo de luz que ele fez surgir era um comunicador; no outro lado, alguém respondeu ao seu chamado.

— Conseguiu destruí-los? Perguntou a voz do outro lado.

— Não, mas quando eles ativaram o mapa eu dei uma boa olhada nele. Ele fez uma pausa e continuou. Pensei bem, avise ao conselho que não vamos mais destruir as passagens que os Únus usam para viajar entre os mundos, pois elas são

muitas. Agora eu tenho uma idéia melhor. Nós vamos usá-las para invadir o mundo deles e destruir tudo que tem lá.

— Então? Tornou a inquirir a voz do outro lado.

— Então, eu sei exatamente para onde o líder deles está indo, quero um mapa que mostre todo o caminho que leva até aquele vale. Quero também um caçador para ir até lá comigo e juntos vamos matar o velho. Com ar confiante o ser de luz completa:

— Me mande também um transporte, minha célula de energia esta quase esgotada e mesmo com o mapa a Viagem até os Domínios da Morte é longa.

— Considere feito senhor!

